

convergencia

MAIO — 1973 — ANO VI — N.º 57



- **MISSÃO: GRATUIDADE DIVINA E ESFORÇO HUMANO**, Pe. Cleto Caliman, SDB
página 201
- **MISSÃO E URBANIZAÇÃO**, Dom José Cornelis, OSB
página 215
- **O ESPÍRITO SANTO FORÇA DA MISSÃO**, página 228
Irmão Aleixo Maria Autran, Marista
- **VOCAÇÕES ADULTAS**, página 239

Diretor-Responsável:

Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

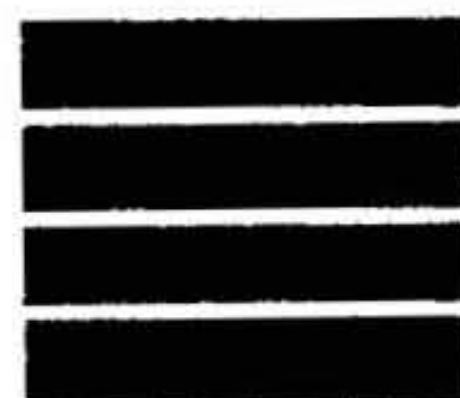
Assinaturas para 1973:

Brasil: via terrestre Cr\$ 40,00
 via aérea Cr\$ 45,00
Exterior: US\$ 12,00
Avulso Cr\$ 4,00

Os artigos assinados são da res-
ponsabilidade pessoal de seus au-
tores.

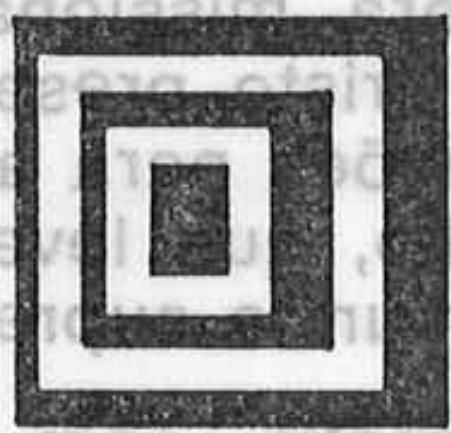
Composição: Compositora Helvé-
tica Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173
Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL	193
INFORME DA CRB	195
MISSÃO, GRATUIDADE DIVINA E ESFORÇO HUMANO , Pe. Cleto Caliman, SDB	201
TOCAMOS FLAUTA E NÃO DAN- ÇASTES	212
MISSÃO E URBANIZAÇÃO , Dom José Cornelis, OSB	215
ORAÇÃO LITÂNICA , Ir. Maria de Lourdes Machado, RSCM	226
O ESPÍRITO SANTO FORÇA PRO- PULSORA DA MISSÃO , Ir. Alei- xo Maria Autran, Marista	228
VOCACIONES ADULTAS	239
A TEOLOGIA DA AMÉRICA LA- TINA	246
ESTANTE DE LIVROS	249



EDITORIAL

Se perguntarmos aos missionários, aos que deram a vida em nome do Evangelho, o que é “missão”, dar-nos-ão uma resposta muito singela: “testemunhar Jesus Cristo”.

Quando o Senhor enviou os 72 discípulos, haviam recebido a missão de anunciar a libertação iminente, a chegada do Messias, o Salvador. São Paulo, no caminho de Damasco recebeu a incumbência de dar testemunho diante de reis e povos... da Pessoa do Cristo!

Conforme a promessa de Cristo à sua Igreja, os Apóstolos e todos os crentes dariam “testemunho” pela força do Espírito Santo. De fato, antes de Pentecostes, ninguém teve coragem de dizer em público que acreditava em Cristo. O Espírito teve de ser “derramado” sobre eles para que entendessem a mensagem e a transformassem em vida nas suas vidas.

O Espírito Santo começou a tecer a História do Evangelho, através dos séculos. Os milhares de missionários que evangelizaram a Europa, a América, parte da Ásia e África, oferecendo as vidas para confirmar a fé, nunca teriam avançado, deixado suas famílias, sua pátria, se não tivessem a certeza de que o Espírito que os regenerara

os acompanharia sempre,
dando-lhes a força de vencer
a própria morte.

A evangelização dos pagãos não é o único lugar onde atua o Espírito. Mais do que lá, atua ele em nossas vidas no dia-a-dia. À primeira conversão do paganismo ao Cristo se sucedem outras em nossas vidas. O Espírito nos impele a avançar. Nunca há descanso. Peregrinamos do início ao fim da vida, em busca da Terra Prometida, em busca do Salvador. É um processo permanente de conversão.

Falamos em missão junto aos povos. Sempre mais nos convencemos que sem a força do Senhor, vãos se tornam os esforços do homem. Diante dos gigantescos conjuntos de concreto de nossas grandes cidades, ficamos mais angustiados que os missionários de outrora, diante de um país desconhecido.

Quem moverá estes corações senão a força do Espírito? Creemos que o instrumento para ele agir serão as nossas mãos, nossa inteligência e vontade. Mas seremos pequenos e meros instrumentos sempre. Quem trabalha com pastoral familiar descobre o imenso que há por fazer. Idênticas interrogações descobrimos na vida religiosa, na vida sacerdotal, entre os próprios bispos.

Todos necessitamos de constante conversão, de voltar-nos para o Senhor. O Espírito Santo será o grande, o único mis-

sionário capaz de nos transformar.

Neste número de **CONVERGÊNCIA**, **Pe. Cleto Caliman** analisa o ponto de encontro entre o esforço humano e a graça divina na ação missionária. Será uma visão enriquecedora para nossa ação, para os maiores e mesmo menores gestos missionários.

Irmão Aleixo Maria Autran procura situar a ação do Espírito Santo na obra missionária. Ele que torna o Cristo presente, que abre os corações para aceitarem o Evangelho, que leva os cristãos ao testemunho supremo.

Dom José Cornelis, com sua longa e preciosa experiência de religioso e pastor analisa alguns impasses que se apresentam à ação missionária hoje, por causa das profundas e rápidas transformações provocadas pelos centros urbanos.

Lembraria os depoimentos sobre **Seminários Menores e Escolas Apostólicas**, fruto de um Encontro de Superiores e Superiores Gerais em Roma.

Na parte de noticiário salientamos especialmente **duas cartas da Sagrada Congregação dos Religiosos à CRB**.

Desejamos a todos Paz no Senhor.

Frei Constâncio Nogara

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

VIAGEM DO PRESIDENTE DA CRB A EUROPA

Para atender a diversos problemas urgentes da CRB, Pe. Marcello esteve na Europa de 31 de março a 21 de abril último. Entre os contatos muito positivos destas três semanas queremos ressaltar alguns.

1. **Com a Sagrada Congregação dos Religiosos.** Numa audiência de 70 minutos, juntamente com dois outros Diretores Nacionais da CRB, que já se encontravam em Roma, Ir. Maria Helena de Toledo e Pe. Décio Baptista Teixeira, Pe. Marcello tratou detidamente com S. Emcia. o Cardeal Prefeito Ildebrando Antoniutti. Ampla informação sobre os trabalhos da CRB em sua dimensão própria de animação e promoção da Vida Religiosa no Brasil. O Sr. Cardeal, já regularmente informado também por outras fontes sobre o que é e o que faz a CRB, mostrou vivo interesse sobretudo por alguns aspectos peculiares de nossos programas: frequência e receptividade de nossos encontros e cursos; linha de colaboração intercongregacional intensa; profundidade da reflexão teológica, manifestada também nas publicações da CRB, especialmente CONVERGÊNCIA.

Ao lado do trabalho religioso, S. Emcia. vem acompanhando de perto o encaminhamento da solução do problema econômico. Neste sentido, após receber os dados mais recentes a respeito, despachou com presteza dois pedidos de autorização por parte de duas Congregações Religiosas, no sentido de ajudarem substancialmente à CRB com uma vultosa doação e empréstimo. Espontaneamente, S. Emcia. surpreendeu a delegação da CRB, três dias após, com uma carta de sua inteira iniciativa e não pedida por nós, que quis escrita em português e teve a delicadeza de ler diante de nós antes de assiná-la. Esta carta se acha publicada neste número de CONVERGÊNCIA.

Queremos destacar em seguida o encontro com o Sr. Arcebispo Agostinho Mayer, Secretário Geral da Sagrada Congregação, cujo interesse pela CRB se havia manifestado nitidamente quando da reunião das Conferências Nacionais de Religiosos com a Sagrada Congregação e com os Superiores Gerais, em outubro de 1972 (Cfr. CONVERGÊNCIA, n.º 52, dezembro/72, págs. 3-8). Dom Mayer aprofundou conosco a leitura dos dois prospectos de trabalhos

da CRB, publicados em 1972 e enviados a todas as comunidades religiosas do Brasil. Interessou-se particularmente também pela dimensão de formação e sobretudo pelo esforço da CRB em tornar-se presente cada vez mais aos religiosos fora das áreas metropolitanas, através dos núcleos diocesanos e, brevemente do projeto da fitoteca. Repetiu-nos explicitamente sua impressão sobre a seriedade do serviço que a CRB vem prestando à Vida Religiosa.

Informado a respeito das perspectivas de manutenção de nossas programações, insistiu em que se concretizasse com urgência a adesão dos Religiosos à **ELO-COOPERAÇÃO E INTEGRAÇÃO**, decisão dos próprios Superiores Maiores do Brasil há dois anos já. Diante de nós encarregou a seus assessores uma carta que manifestasse o empenho da Sagrada Congregação em que a CRB não viesse a diminuir seus trabalhos por falta desta colaboração, carta que se publica também abaixo.

Alguns dias depois, Pe. Marcello foi convidado a participar da reunião mensal dos Assessores da Sagrada Congregação que se ocupam especialmente das Conferências de Religiosos. Todos seguiram com vivo interesse e inequívoca simpatia a exposição feita a respeito dos trabalhos da CRB. Posteriormente, num curso que organizou a Sagrada Congregação para Assistentes Gerais e Procuradores Gerais a respeito do direito dos religiosos, e que está sendo seguido por mais de 200 pessoas, Dom Nardin, Secretário do Arcebispo Mayer e encarregado do tema "CONFERÊNCIAS DE RELIGIOSOS" mencionou longamente estes contatos e fez, com comentários muito positivos, uma apresentação de nossas atividades.

2. Com os Religiosos Brasileiros de Roma. Pe. Décio Baptista Teixeira, Ir. Maria Helena de Toledo, Pe. Hélio Grande Pousa, ligados atualmente ou anteriormente à Diretoria Nacional da CRB juntamente com outros religiosos e religiosas brasileiros ou que aqui viveram e atualmente se ocupam em Roma nos governos gerais de suas Congregações ou em trabalhos e estudos naquela cidade, resolveram criar um grupo para aproximação e intercâmbio na área de vida religiosa. O grupo que havia se reunido pela primeira vez em março, teve sua segunda reunião com a presença do Pe. Marcello, no dia 5 de abril. Participaram do encontro cerca de 120 pessoas. Foi a oportunidade de uma visão de conjunto sobre os nossos trabalhos e de um diálogo que se protraiu por quase três horas, concluindo-se com uma celebração. Muito acolhedor o encontro, revelou imediatamente de quão grande interesse pode ser para as pessoas ligadas ao Brasil que se acham em Roma esta ocasião de mútua informação e reflexão em conjunto sobre assuntos que afetam a Igreja e a Vida Religiosa em nosso país.

3. Com organismos internacionais. Pe. Marcello teve posteriormente, seja em Roma, seja em outros países da Europa, uma série de encontros com organismos que um modo ou de outro estão em contato com a CRB. Importante também para nós a oportunidade de conversas com teólogos que mais de perto se dedicam ao estudo da Vida Religiosa e que permitiram ao Pe. Marcello uma visão da situação atual dos Religiosos e Religiosas nos diversos países da Europa.

**SACRA CONGREGATIO
PRO RELIGIOSIS
ET INSTITUTIS SAECULARIBUS**

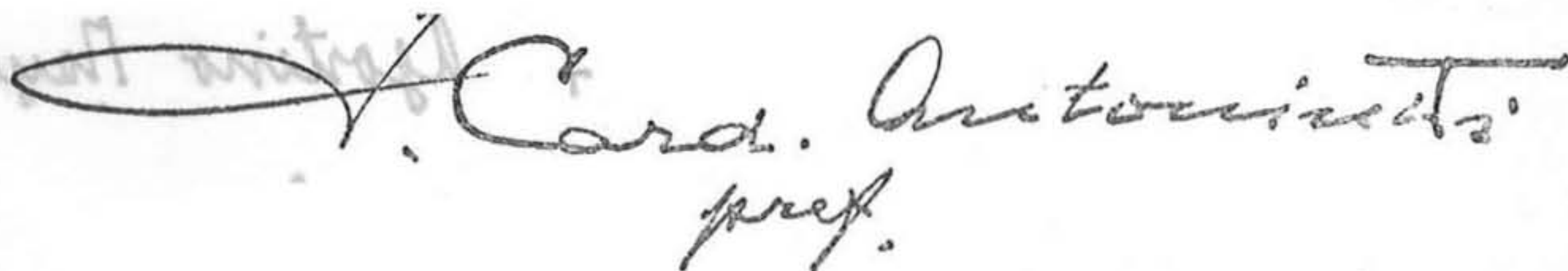
Roma, 6 abril 1973. Prot. N.º SPR 88/70

Reverendíssimo Padre

Esta Sagrada Congregação tem seguido com paterna solicitude a evolução da difícil situação econômico-financeira que há mais de dois anos atravessa a CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL.

Como repetidas vezes lhe foi dito oralmente, reitero aqui, com grande afeto, minha bênção muito especial a V. Revma., a seus auxiliares imediatos e a todas as Congregações e Províncias Religiosas que, no decorrer destes anos difíceis ajudaram à CRB. Penso no apoio moral e espiritual de muitos. Estou a par da paciência e compreensão de tantos. Destaco, porém, a importância e o alcance do auxílio material e efetivo de algumas Congregações e Províncias, cuja atitude evangélica frente ao problema foi decisiva para o seu encaminhamento. Sublinho, com particular reconhecimento, o gesto generoso da Província de São Paulo da Congregação das Religiosas de Nossa Senhora de Sion, do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda da Ordem da Conceição da Beata Maria Virgem, no Rio de Janeiro, da Província de São Paulo da Congregação do Santíssimo Redentor, da Província do Sagrado Coração de Jesus da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência, no Rio de Janeiro e da Província do Rio de Janeiro das Missionárias de Jesus Crucificado.

Ficaria muito agredido se Vossa Reverendíssima pudesse fazer chegar oportunamente a estas Congregações e Províncias a certeza de nossa gratidão, de nossa Bênção Paterna e de nossa efetuosa saudação.


Card. Antonio Riboldi
pref.

Reverendíssimo Senhor
PE. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO S.J.
Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil
Rua Don Gerardo, 40/5.º
RIO DE JANEIRO

**ACRA CONGREGAZIONE
PER I RELIGIOSI
GLI ISTITUTI SECOLARI**

Roma, 11 aprile 1973. Prot. n. AG. 194 — 1/73

Reverendo Padre,

Questa Sacra Congregazione segue con vivo interesse i lavori che svolge codesta Conferenza dei Religiosi del Brasile a beneficio dei religiosi delle religiose della Nazione con le sue pubblicazioni, relazioni, informazioni e con altri servizi a favore della vita consacrata.

Orbene, la Conferenza che, per motivi già conosciuti, ha dovuto prescindere dalle attività economiche, che fornivano i mezzi necessari per attuare le sue iniziative senza nessun onere per i singoli Istituti, d'ora in poi sarà in grado di proseguire le sue attività soltanto se potrà contare sul contributo delle varie province e congregazioni, come si fa nelle altre Conferenze Nazionali.

Al riguardo, siamo stati informati che la IX Assemblea Generale, celebratasi nel mese di luglio 1971, si pronunciò unanimemente a favore della costituzione di un fondo di sostentamento. Tale fondo si concretizzò posteriormente nel cosiddetto "ELO-COOPERAÇÃO e INTEGRAÇÃO", a formarsi col modesto aiuto mensile delle singole case religiose.

Questa Sacra Congregazione giudica valida tale iniziativa nella forma in cui è stata configurata, e vedrebbe con soddisfazione una benevola accoglienza della proposta.

Con questi voti, e con i migliori auguri perchè codesta Conferenza risponda fedelmente ai fini per cui è stata eretta dalla Santa Sede, mi è gradito confermarvi,

devotissimo nel Signore

+ Agostino Mayer

Segr.

Reverendo Padre

MARCELO CARVALHO DE AZEVEDO, S.J.

Presidente della

Conferenza Brasiliana dei Religiosi

RIO DE JANEIRO

**SACRA CONGREGATIO
PRO RELIGIOSIS
ET INSTITUTIS SAECULARIBUS**

Roma, 11 de abril de 1973 Prot. n. AG. 194 — 1/73

Reverendo Padre,

Esta Sagrada Congregação segue com vivo interesse os trabalhos que desenvolve a CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL em benefício dos Religiosos e das Religiosas da Nação, com suas publicações, relações, informações e com outros serviços a favor da vida consagrada.

Por motivos já conhecidos a CONFERÊNCIA teve que prescindir das atividades econômicas que forneciam os meios necessários para realizar as suas iniciativas sem nenhum ônus para as Congregações singularmente. De agora em diante, somente estará em condições de prosseguir as suas atividades se puder contar com a contribuição das várias províncias e congregações como se faz nas outras Conferências Nacionais.

A este respeito, fomos informados de que a IX Assembléia Geral, reunida no mês de julho de 1971, se pronunciou unanimemente a favor da constituição de um fundo de manutenção. Este se concretizou posteriormente na assim chamada "ELO-COOPERAÇÃO E INTEGRAÇÃO", a ser formado com a modesta contribuição mensal das casas religiosas.

Esta Sagrada Congregação julga válida tal iniciativa na forma em que foi configurada e veria com satisfação uma benévola acolhida da proposta.

Com estes votos e augurando que esta CONFERÊNCIA responda fielmente às finalidades para as quais ela foi ereta pela Santa Sé, tenho o prazer de reafirmar-me,

devotíssimo no Senhor

*ass. D. Agostino Mayer
Secretário*

ERGENCIA?
Reverendo Padre
MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, SJ
Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil
RIO DE JANEIRO

VOCÊ É ASSINANTE
DE *CONVERGÊNCIA*.

Muito obrigado
pelo seu apoio.

SABEMOS QUE VOCÊ
TEM GOSTADO
DE *CONVERGÊNCIA*.

É um estímulo
para nós.

NÃO BASTA, POREM

A comunidade religiosa mais próxima de você

- Conhece
- Assina
- E lê *CONVERGÊNCIA*?

As comunidades *TODAS* de sua Província
e de sua Congregação no Brasil:

- Conhecem
- Assinam
- E lêem *CONVERGÊNCIA*?

AJUDE A DIVULGAR *CONVERGÊNCIA*. A revista dos
Religiosos do Brasil. Uma assinatura para cada comunidade.

O cristão vive freqüentes vezes em sua vida a presença de dois mundos, com suas respectivas linguagens. No mundo da fé, conhece e experimenta Deus e a sua graça como um dom envolvente. Então ele se abre à ação de graças. No mundo secular, ele luta no centro da história. Ali, experimenta-se responsável e criador, mas ao mesmo tempo, estrangeiro. Sua consciência marcada pela fé parece estar dividida entre os dois mundos: o da religião e o da existência profana. Quando muito, sente-se como alguém que é mandado para o mundo para redimi-lo do mal.

Missão

Gratuidade Divina e Esforço Humano

CLETO CALIMAN

Perguntamos: não haverá uma maneira de fazer uma síntese entre esses dois mundos? Tentaremos unir Deus e o mundo, Deus e a história, fé e existência, graça e esforço humano, numa mesma tarefa, a partir de uma teologia da missão (1). Tentaremos situar, numa visão de conjunto, os elementos do problema: Deus que se nos oferece numa absoluta comunicação de si mesmo, como graça, e o homem com suas aspirações de autonomia e liberdade.

Há duas maneiras de sentir e de interpretar a totalidade de nossa condição humana. Na maneira de compreender a existência e o mundo como experiência religiosa, nós nos perguntamos se isso vale a pena, se tem valor e sentido além dos simples fatos. Essa busca nos projeta para além de nós mesmos. É o que nós vivemos como experiência do mistério da vida e de Deus. Isso alimenta a nossa esperança na completa revelação do Sentido e do Valor.

A outra experiência, não menos existencial que a primeira, nós a vivemos em força de sermos "corpo". Ela nos dá as dimensões reais do nosso ser e do nosso agir histórico. Nesse mundo estamos empenhados numa luta pela sobrevivência, pela libertação dos limites impostos pela natureza, através das ciências e da tecnologia, pela libertação da dominação do homem pelo homem, dos povos pelos povos, a fim de, na base desta libertação, construirem um homem livre, uma comunidade fraterna, uma sociedade de onde reinem justiça e paz. Shalom!

Na verdade, o que acontece com o homem representativo da era da tecnologia? Será que dentre eles — e nós também somos contados aqui — há alguém que ainda acredita no Reino de Deus? Em que mesmo acredita o homem moderno? Na eficiência do planejamento, da técnica e das estruturas burocráticas que ele montou e que lhe servem para manipular o futuro como que num golpe de mágica (2). Fora disso parece reinar o absurdo e o deses-

pero. É melhor o silêncio para aquilo que parece não ter sentido. O horizonte de compreensão do homem moderno não lhe dá elementos para encontrar, na sua condição humana, uma saída para ultrapassar os limites do que lhe foi dado, "daquilo que é". A falta de horizonte parece tornar impossível a intercomunicação entre os dois mundos, o de Deus e o do "homo faber".

Uma reflexão sobre a graça e o esforço humano pode ser ponto de partida para uma crítica, de um lado, aos conceitos de espiritualidade que desde milênios impregnaram as grandes religiões do mundo, inclusive o cristianismo. Essa espiritualidade consiste na recusa religiosa do mundo em nome do sagrado direito da divindade. Seja-nos lícito citar como exemplo a clássica obra de espiritualidade que todos conhecem, a "Imitação de Cristo". Ela tem como subtítulo a expressão "de contemptu mundi".

De outro lado, está aquele tipo de espiritualidade cristã, não necessariamente oposta à primeira, que nasceu do desejo de superar o cristianismo fácil e massivo da era constantiniana, e que se exprimiu num tipo de ascese cuja tentação era acentuar o esforço humano em detrimento da ação gratuita e misteriosa da graça. Isso tem sua explicação na lei do menor esforço. É mais difícil viver a periculosidade da fé. O elemento divino escapa ao nosso controle. É dom absoluto, incondicional. O elemento humano, o esforço da ascese, ao contrário, é um método de aperfei-

çoamento pessoal e comunitário controlável e manipulável (3).

O conceito básico que vai unir graça e esforço humano numa síntese vital será o de missão. A teologia da missão, como acentuou ultimamente J. Comblin, tornou-se "o centro de convergência das principais controvérsias entre cristãos" (4). Uma teologia que parte não de uma doutrina, mas da missão, é mais existencial e mais próxima de nós. Parece cumprir melhor a tarefa de dar sentido ao nosso agir histórico, relaciona-nos melhor com os horizontes condicionadores de nossa realização pessoal: a comunidade humana e Deus.

1. O homem, Deus e a história

Não se pode tentar uma teologia sem indagar antes dos horizontes, das coordenadas, dos pontos de referência e das condições de possibilidade da conveniência dos vários conceitos em questão. No nosso problema estão em jogo Deus e o homem. Em concreto, o ponto de partida seria a análise da história e das interpretações religiosa e secular em torno do problema. O exíguo limite de tempo e espaço de que dispomos não nos permite a tanto. Supondo-se feita essa análise, colheremos alguns dados teóricos daí decorrentes.

1) Partimos de uma **antropologia** que possibilite a comunicação entre Deus e o homem e vice-versa, capaz de valorizar tanto a graça quanto o empenho humano. Não serve um tipo de antropologia implícita em certo tipo de espiritualidade que dá tudo para Deus e

reserva simplesmente ao homem o apelativo de "verme". Nem o contrário: um humanismo messiânico que faz o homem salvador de si mesmo. Nem tanto nem tão pouco.

O homem é uma existência aberta, um ser sempre provocado a ser e a ultrapassar as suas próprias fronteiras na busca do sentido de seu agir histórico, além do círculo fechado de seu EU pessoal. Esse homem descobre, na dialética do encontro com o outro, que o fechamento sobre si traduz a abdicação de si mesmo e da missão ao outro. Sem o existir de alguém para alguém no multirrelacionado mundo humano não é possível nenhum progresso humanizante (5).

Pela revelação sabemos também que a aceitação total de si como homem inclui não só, e de maneira essencial, a relação para com os demais homens, pois somos animais políticos, mas também a relação para com Deus. Isto constitui, em última análise, a aceitação total da revelação. Ela é luz que clareia todo o seu horizonte de experiência mundana e religiosa e ao mesmo tempo revela o homem a si mesmo.

2) Qualquer reflexão sobre a relação de Deus com o mundo e o homem pressupõe uma determinada **teologia da história** (6). É possível Deus se comunicar com esse homem que vive na secularidade do mundo, o homem concreto, não reduzido às generalidades, até o ponto em que se possa dizer que há uma realização histórica de Deus? É possível o homem encontrar-se com esse Deus sem abdicar de sua autonomia, de sua liberdade pes-

soal, sem desvalorizar o resultado de seu trabalho, da ciência, da técnica, enfim seu projeto para o futuro? Será isso possível sem que o homem tenha que dizer: quando me encontro com esse Deus onipotente (quase diria: prepotente), sinto-me menos homem, só me resta a esperança de que ele tenha misericórdia de mim, pobre miserável? Não deve ser justamente o contrário?

A realização histórica de Deus, sua encarnação vivida como missão em Jesus Cristo, será capaz de resolver a aparente contradição acima referida. Cristo assume em definitividade absoluta o mundo, salva-o da morte do sentido, não o deixa cair na insignificância da morte, dá-lhe liberdade de viver e devolve ao homem a liberdade de construir seu futuro e realizar uma verdadeira comunhão de fraternidade humana.

Além disso, se Deus mesmo se historiza, é "um de nós", parceiro da caminhada, a missão não pode ser compreendida mais como uma ordem vinda "de fora", "do exterior", "do além", por cima de nossas cabeças. O mesmo evoluir-se do fenômeno humano interpretado a partir de Cristo constitui o fundamento sobre o qual pode se assentar uma teologia da missão.

Assim o homem não fica à margem das decisões que anunciam o futuro. Este vai surgindo como dom de Deus e como tarefa da liberdade humana historicamente empenhada. Não haverá confronto entre o poder de Deus fora da história, sobreposto ao homem, e o poder do homem

que, na sua revolta, constrói o mundo a despeito de Deus.

Só será possível uma correta compreensão dos três elementos do tema que nos ocupa, pressupondo-se a superação do dualismo Deus-homem. Um não destrói o outro. Aqui está o equívoco tanto da teologia radical da morte de Deus, quanto de uma teologia formal, que vagueia em conceitos abstratos sem ser capaz de descer à terra dos homens. Ambas partem da suposição que as contradições históricas ainda são superáveis, fugindo para o mundo das idéias, onde a lógica compõe mais facilmente a tese e a antítese na síntese. Aqui, no nosso mundo, a síntese só se dá na difícil entrega de si mesmo para os outros, além de quaisquer limites, isto é, na práxis histórica do amor.

2. A missão como expressão da síntese existencial da gratuidade e do esforço humano

A questão agora é saber se a missão, em seu sentido humano e teológico mais profundo, entendida a partir do amor, pode ser considerada como síntese das exigências de Deus e do homem.

Ou: postas as exigências da fé, resta ainda lugar e espaço para o exercício da liberdade humana, de modo que o homem se sinta não como mero expectador mas como ator e criador de seu futuro?

Ou: para atender às exigências da missão o homem deve abdicar de sua realização pessoal a favor do Reino?

Ou, argumentando a partir do homem: para que a história tenha sentido, cabe ainda Deus neste mundo?

Para iniciarmos uma reflexão que nos indique alguma pista para superar o impasse, vamos a uma pergunta preliminar: **a partir da fé, o que significa missão?**

O termo "missão" implica movimento de mediação de alguém para alguém. Assim o Pai envia o Filho para os homens. O Filho se define, a partir de seu agir, como vindo do Pai para os homens. Essa ação histórico-salvífica, que revela a presença de Deus no mundo na mediação pessoal do Filho, se objetiva na mensagem evangélica. A palavra exprime e torna inteligível a missão (7).

A missão tem objetivos a atingir. Ela é funcional. No plano secular, do homem mergulhado na história, ela visa a promoção do homem, seu crescimento como pessoa dentro da comunidade humana orientada para a criação de uma nova humanidade, meta final de todo o processo de humanização. No plano da fé, a Igreja, comunidade reunida em Cristo pelo Espírito, recebe uma missão positiva de evangelizar os povos (8), ser sacramen-

to da salvação (9), "salvar e renovar toda criatura" (10) e, por fim, reunir em Cristo todas as coisas (11). Dentro de uma visão de fé, a meta final é a divinização.

T. de Chardin exprime a união das duas perspectivas, a secular e a da fé, afirmando que na interioridade mesma do fenômeno humano, a cristogênese segue a antropogênese. O homem nascido da graça brota do homem nascido da história, num processo inseparável e único de colaboração entre graça e esforço humano.

A análise da realização histórica da missão vivida como experiência religiosa, implícita em todo o agir livre e criador do homem e na missão positiva vivida desde as preparações do Antigo Testamento, na história do povo de Deus, e depois no Novo Testamento, como experiência existencial pessoal do Verbo de Deus que assumiu, de forma definitiva e irreversível, a totalidade da condição humana, nos levaria a um aprofundamento do sentido profundo da teologia da missão como síntese de como os objetivos da humanidade e de Deus são alcançados na unidade da pessoa de Cristo, primogênito e protótipo da nova humanidade.

Esses objetivos não foram alcançados pelo Filho de Deus e não serão alcançados pela humanidade senão na aceitação incondicional do princípio básico do cristianismo: O sair de si, o perder-se como condição de encontrar e salvar a própria vida. Por isso Cristo se define como "aquele cujo ser é missão" justamente pelo duplo superamento de seu Eu em direção ao Pai e em direção aos homens (12). Ele viveu a missão para o totalmente outro, o Pai, na entrega de si, até a morte, pelos homens.

Na realidade, essa é a lógica interna da salvação. A ela o mesmo Deus se curva. Na cruz ele sucumbe ao poder da história para realizar-se como Deus na história (13). A realização histórica de Deus está condicionada à vida do homem. Se, por acaso, viesse o homem perder-se para a história, isto sim, seria a morte de Deus na história. Afinal o homem é a imagem de Deus (**Glória Dei, vivens homo**, já dizia Ireneu).

A missão do Filho pelo Pai é recebida pela Igreja como condição de auto-realização. Ela, para ter algum sentido na história do mundo, deve estar numa atitude de serviço e disponibilidade sem limites. O fato de pertencer a essa comunidade eclesial, de ser cristão, também só adquire consistência quando o cristão vai além de si mesmo e, superando o seu egoísmo, é capaz de deixar-se perder na direção do Pai e na direção dos irmãos, numa entrega de si até o limite da morte.

Inferre-se, pois, que a missão não é um elemento tangencial e insigni-

ficante para a Igreja e para o cristão. É uma exigência da mesma estrutura encarnatória do cristianismo, de sua dimensão relativa ao Pai e ao mundo. É consequência de sua situação de peregrina em direção à meta escatológica.

Na vivência diária da missão o cristão haure forças na esperança que nasce de seu esforço irrigado pela graça, sem esquecer que "nossa capacidade vem de Deus" (14). Nesta esperança o cristão imagina que pela frente tem mais, tem o sentido que se revela, desde já, no "aperitivo" do futuro, que se nos manifesta na liturgia de uma vida sofrida no amor, até que se liberte de toda opressão e domínio.

3. O amor, fonte da graça e do esforço humano

A síntese entre graça e esforço humano só é possível quando se consideram não como opostos um ao outro para prevalecer e destruir, numa relação de dominação opressora, mas numa unidade que transcende a ambos os dados do problema. A pergunta então não será mais: resta ainda lugar para o homem caso ele tenha que se orientar por uma atitude de profunda obediência e disponibilidade de serviço a Deus para os outros? O seu empenho por um mundo melhor tem ainda sentido para a salvação? Mas esta outra: como o dinamismo da missão supera todos os limites no amor?

O nível do amor é aquele em que todos os contrários são reduzidos à unidade. Esse é também o nível

da gratuidade. Além disso, o plano do amor é o plano da pessoa. Graça e esforço humano são dados que envolvem a totalidade do mistério da pessoa e tem sua origem no amor.

A nível de experiência secular a pessoa é um absoluto. Sua decisão livre não depende de outra vontade para se realizar como decisão. Isso não quer dizer que não haja condicionamentos. A pessoa se realiza na multiplicidade dos relacionamentos com o mundo das coisas e das pessoas. A realização humana é complexa. Ela se situa no contínuo sair de si e dobrar-se sobre si, num movimento de ultrapassagem do que é dado para o que ainda não é.

É um processo nunca finalizado de transcender-se além dos próprios limites em direção a um mundo que não é dominado por nós, mas que se nos oferece como presença, que nos interpela e exige de nós uma atitude de aceitação. No mesmo nível em que se situa o esforço humano, a possibilidade de realização do homem supõe um horizonte que transcende sua capacidade de manipulação: o misterioso mundo da pessoa. A pessoa como tal não é manipulável, não pode ser dominada. O que se manipula e domina é um objeto. O que acontece, às vezes, é que o egoísmo humano trata a pessoa como objeto a serviço dos próprios interesses. A pessoa é, em última análise, uma presença absolutamente gratuita. Não temos nenhum direito sobre ela, mas só a partir dela. Eu recebo a pessoa

de outrem como dom absoluto numa abertura sem condições.

No plano divino isso se dá dentro do mesmo esquema relacional de pessoa a pessoa. Se Deus coloca o homem de maneira absoluta, é porque o quer como pessoa, capaz de conviver com ele, como sócio, no mesmo empreendimento histórico. Nesse convívio conservamos a nossa liberdade, na qual fomos postos desde que Cristo no-la conquistou. Tornamo-nos, além disso, no caminho de Cristo, libertadores também nós.

Se o poder entrar em comunhão pessoal com Deus é graça que não nos é devida, é nossa tarefa e compromisso levar adiante essa graça na comunhão pessoal com os nossos irmãos. A consciência da gratuidade de Deus em nossa vida nos torna mais capazes ainda de gratuidade para com os outros. Enfim, o mundo da pessoa é o mais humano e, portanto, o mais necessário. E podemos dizer: "o mais necessário é também o mais gratuito" (15).

No plano de nossa experiência secular, marcada pelo fazer, pela técnica e pela criação de novas formas de dominar a natureza, parece difícil aceitar a dimensão da transcendência. O homem atual parece estar se libertando cada vez mais da teologia e da Igreja e luta por um mundo melhor com suas próprias armas. Tanto o conservador quanto o revolucionário vibra com os êxitos e se sente frustrado com o fracasso. Os valores que ele busca são a atividade, o êxito, o proveito e o progresso (16).

Está por demais marcado pela objetividade, pelo dado e parece carecer de imaginação qualitativamente criadora. Cria em série para satisfazer o consumidor. Parece incapaz de encontrar-se na sua interioridade. Está fora de si. Identifica-se simplesmente com a sua criatura, a natureza que ele dominou e trabalhou. Isso não passa de uma forma de loucura. Por isso nosso homem voltou a ser prisioneiro da natureza, abdicou de sua liberdade a favor de processos que, automaticamente, isto é, sem a mediação pessoal, mas através de mecanismos alienadores, planejam o seu futuro.

Mas o que nos ensina a revelação? A mensagem do Gênesis nos diz que o processo de secularização e de emancipação do homem tem seu ponto chave na superação da dependência da natureza, na consciência da própria dignidade e de suas relações essenciais com os outros. Esse processo nasce no mandato que o homem recebe de Deus sobre o mundo, um termo de responsabilidade, aceito no início da história, que terá um dia sua consumação.

Assim, se no plano histórico, uma vez que Deus pôs o homem como pessoa, alguém cuja presença ele não só respeita como cultiva na forma de um diálogo de amor, o homem decide seu futuro, cria, transforma, liberta e dá amplo curso aos seus projetos, no plano de Deus sabemos, por revelação, que

a criação é, na verdade, o início de todo o processo salvífico. A vida, o humano, é o terreno onde se planta e se encarna a graça, a vida eterna e o sentido transcendente do mundo.

A condição para superar o dualismo graça-esforço humano é captar a coerência interior existente entre criação e salvação na missão: E o verbo se fez carne e atendeu entre nós. Ele é o sentido que está tanto no princípio quanto no fim, envolvendo por dentro, se assim é permitido dizer, todo o humano, como quem dá realidade aos nossos projetos.

Como entender que esse amor-missão transcende todos os limites? Para o amor não há "virtus in medio". Ele é absoluto, isto é, desligado de qualquer condição, senão já não é amor. Visto que tudo o que está na história está sujeito, como a moeda, a desvalorização temos que nos exorcizar contra as formas ambivalentes de amor. Assim dizemos que o amor tende a se expandir, por isso torna-se necessária a missão.

Como então conceder a expansão do amor? Também o egoísmo é uma forma de amor que tende a se expandir, conquistar espaço para a realização de si. No entanto esse amor de si dá origem a uma relação entre os homens que poderíamos chamar de "dominação", de "opressão", de "exploração". Em

termos políticos, é um "amor imperialista", que reduz o outro, sociedades, povos, nações, a objetos de uso pessoal, à escravidão, para sustentar-se no poder ou garantir o sistema.

Bem diferente é o amor verdadeiro. Esse se expande não contra os outros, a despeito dos outros ou excluindo os outros, mas a favor dos outros. É libertador: não só permite que o outro seja, mas dá tudo de si para que o outro realize plenamente seu projeto de vida.

4. A Igreja, sacramento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano

Na realização concreta da missão o homem exerce uma função mediadora de salvação. A Igreja recebeu, para isso, uma missão positiva e explícita. De fato, essa é a consciência que a Igreja manifestou na **Lumen Gentium** quando se diz "sacramento ou sinal e instrumento de íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (17). Isso quer dizer que a Igreja, à imitação de Cristo, é a sua missão. Ela exerce um serviço de mediação de Deus para a humanidade e vice-versa.

Contudo, no discurso sobre a mediação sacramental, pode haver um equívoco no conceito de eficácia tanto do ponto de vista da experiência religiosa da mediação da graça através de sinais, gestos, atitudes e ritos, como do ponto de vista da experiência secular do homem emancipado dos laços de uma tutela religiosa e dos mistérios da

natureza. Em ambos os casos pode haver um desvio para um tipo de "eficácia atribuída" (18), que foge da relação interpessoal e comunitária, para cair na relação de dependência mágica da natureza. A eficácia da mediação deixa de ser referida ao nível da pessoa e da história da liberdade e passa a ser atribuída às coisas, aos objetos. Em suma, é um caso de involução possível todas as vezes que o homem abdica de sua interioridade e se situa fora de si, na máquina do sistema que ele forjou.

O sinal, o sacramento, é o homem, a comunidade humana e eclesial que, congregada na unidade tensa da comunhão humana, exprime o seu ser na liturgia da missão.

5. Algumas consequências

1) **A caminho da identidade do ser e da missão.** Se em Cristo ser e missão se identificam, na Igreja, enquanto peregrina, a caminho do Reino, sua meta final, a identificação entre ser e missão é um projeto em vias de realização que envolve toda a humanidade. Neste sentido a comunidade cristã não pode privatizar nenhum dos aspectos de sua missão para uso interno, restringindo o alcance do amor de Deus, de que é mediadora, a determinados setores da vida do homem, das sociedades, povos e nações. Ela não pode simplesmente refugiar-se na assim chamada "missão espiritual" como se o homem fosse feito de compartimentos estanques, corpo de um lado, alma do outro.

Dentro de um regime de cristandade era ainda possível aplicar o esquema alma-corpo à divisão do mundo entre cristãos e não-cristãos. Aqueles, os bons. Estes, os maus. A sorte é que na prática nem sempre acontece como é previsto na teoria, e a Igreja, quer mais quer menos, sempre esteve empenhada no mundo. Mas tomar consciência dos pressupostos de uma atitude de vida é importante para o futuro. Uma Igreja fora do mundo, perderia sua missão, não seria a Igreja do fermento evangélico. Uma comunidade cristã e religiosa que vivesse unicamente o micro-processo de seus problemas intra-congregacionais, não tem mais direito de existir como comunidade cristã e religiosa.

Só no esforço de identificar o próprio ser com a missão é que continuamos cristãos. Ser cristão não é questão de ufania ou privilégio. É questão de serviço. Mas temos que confessar, no fim de

nossa conversa, que esse esforço de identificação de per si não realiza a meta. Esta é dom escatológico, graça absoluta de Deus que se encarna no mundo e na história como fermento, sal da terra, luz que se perde para iluminar. Ser cristão é ser essa graça para os outros.

2) **Uma tarefa conjunta, realizada em comunhão de bens: no amor.** Para terminar. O que temos em Deus não é um concorrente, um opositor, um adversário diabólico, isto é, que divide para dominar. Mas um "Emanuel", um "Deus conosco", companheiro de jornada, cujo papel é eminentemente "simbólico": ele une tudo e todos na força libertadora do amor que se revelou em Jesus Cristo. A realização da missão é, pois, tarefa conjunta. Resulta do matrimônio fecundo de Deus doador de todo o bem com a humanidade correspondente pelo seu futuro.

- (1) COMBLIN J., **Atualidade da teologia da missão**. REB 32 (1972) 796-825. MASSON J., **Decreto sull'attività missionaria della Chiesa**, Torino 1966, pp. 184-206. RAHNER K., **Handbuch der Pastoral Theologie**, II/2, Freiburg (1970) 46-80. Idem, **Mission** = SM III, (1969) 547-551. SCHÜTTE J., **Il destino delle missioni**, Brescia 1969, pp. 24-55; 151-192 (artigos de J. Ratzinger e Y. Congar). LUBAC, H. de, **Fundamento teológico das missões** (duas lições de 1941), Porto 1960. GUILLOU M. J. de, **A missão**

- como tema eclesiológico. *Concilium* 3 (1966) 68-111. SEGUNDO J.L., **Esa comunidad llamada Iglesia**, Buenos Aires 1968, pp. 81-96. GUTIERREZ G., **Appunti per una teologia della liberazione**. In: GUTIERREZ G., ALVES R., ASSMANN H., **Religione, Oppio o Strumento di Liberazione?** Arnoldo Mondadori ed. pp. 23-72.
- (2) MARSCH W-D., **Die Freiheit erlernen** Olten 1967, p. 9.
- (3) SEGUNDO J. L., **Gracia y Condición humana**, Buenos Aires 1969, pp. 71-78; 94-113.
- (4) Art. Cit. p. 796.
- (5) BOROS L., **Dios, nuestro futuro**. In: KUTSCHKI N., **Dios hoy. Problema o mistério?** Salamanca 1967, pp. 185-198. CRESPIY G., **Essais sur la situation actuelle de la foi**, Paris 1970, pp. 111-155.
- (6) KASPER W., **Dios en la historia**. In: KUTSCHKI N., **Dios hoy. Problema o mistério?** Salamanca 1967, pp. 201-215. Idem, **Grundlinien einer Theologie der Geschichte**. ThQ 144 (1964) 129-161.
- (7) MASSON J., o.c. pp. 183-236; 152-194.
- (8) Mt 28, 18-20; Mc 16,15-16; Jo 20,21.
- (9) Lumen Gentium 1.
- (10) Ad Gentes 1.
- (11) Ef 1,10.
- (12) RATZINGER J., o.c. p. 36.
- (13) KASPER W., In: KUTSCHKI N., o.c. p. 208.
- (14) 2 Cor 3,5.
- (15) SEGUNDO J.L., **Gracia y Condición humana**, Buenos Aires 1969, p. 104.
- (16) MOLTSMANN J., **El Dios crucificado**. *Selecciones de Teología* 45 (1973) 3-14. 4-5.
- (17) Lumen Gentium 1.
- (18) ASSMANN H., **Eficácia sacramental e ação histórica eficaz**. Trabalho datilografado em vias de publicação.

Há dança.

Sempre. E em toda parte.

Só alguns homens sérios
não gostam de dançar.

Mas muitos santos não souberam resistir,
tão grande lhes foi o impulso para dançar.

Davi dançou na frente da Arca
e Teresa com suas castanholas.

São João da Cruz

com o Menino Jesus nos braços
e Francisco na frente do Papa.

Sua alegria de viver era grande demais.
Abundante demais.

E o ritmo de seus corações palpitantes
impetuoso demais.

Tinham de dançar.

Era uma necessidade.

E nós? Ah! Senhor,

se fôssemos perdidos de amor por ti
não haveria mais resistência em nós.

Atraídos e fascinados,
arrebatados por teu amor,
seríamos forçados a levantar-nos
para colocar nossos passos,
hesitantes e ansiosos,
no ritmo dos teus.

Creio que muitas vezes te enfadas
de homens sempre sérios

que te querem conhecer por estudos,
que te querem atingir por exercícios,
que te querem encontrar
como pessoas sensatas e seguras.

Não foi por isso, Senhor,
que suscitaste esses outros,
homens que, cheios de alegria,
dançavam contigo sua vida?

Um bom parceiro não sabe
para onde a dança o leva.
Mas segue de maneira ágil
e não de pernas duras e rijas.
Não pergunta como é o passo,
mas cada passo ele faz
em prolongamento do teu.

Por que de todo jeito querer avançar?
Quem dança bem, roda até no mesmo lugar.
Vai para a direita, vai para a esquerda.
Faz parada,
e desliza às vezes em lugar de dar passos.
Errado seria...
se a música não elevasse tudo à harmonia.

Mas nós esquecemos tantas vezes
a música do Espírito
que marca a folia do Amor.
Fazemos de nossa vida um exercício.
Não enxergamos que em teus braços
a vida se dança
e que o ritmo, como é de ti.

A vida é só cinzenta e monótona
para aqueles que, como malmequeres,
não ousam partilhar da dança do Amor.

Vem, pois, Senhor, e nos convida.
Estamos dispostos a dançar contigo
no calor e no frio,

a dança do trabalho
e a dança da vigília.

Não ficamos tristes quando a música está em bemol.

Não desistimos quando o ritmo é cansativo.

Nem deixamos saber aos outros
quando nos pisam nos dedos.

Não acontece em toda dança?

Senhor, ensina-nos o lugar

dessa dança dócil

no Jogo de Amor entre Deus e o homem.

Faz sentir-nos as dissonâncias

que nós mesmos produzimos

na orquestra de tuas esperanças

na sinfonia serena

da Eternidade que surge.

Ajuda-nos, cada novo dia,

a vestir nossa humanidade,

qual vestido de baile,

tal como gostas ver em nós.

Faz que vivamos a vida

não como um jogo de xadrez,

onde tudo é calculado,

não como um "racha" extenuante,

nem como um problema intrigante,

um quebra-cabeça complicado,

mas como uma festa infindável

onde o encontro contigo

se renova cada vez como uma dança

nos braços de tuas graças,

na onda musical de teu amor.

Senhor, vem!

E convida-nos para a dança!

Missão

“O Nosso Brasil cresce bem mas se desenvolve mal” afirmava recentemente uma alta personalidade oficial. O mesmo pode afirmar qualquer agente de pastoral atento, verificando a dupla realidade eclesial: o mundo urbano e o mundo rural. Daí surge a pergunta: qual será a missão do religioso neste mundo complexo?

PARA UM MUNDO NOVO

O problema na sua dimensão quantitativa (1). A sinopse do Censo Demográfico do VIII Recenseamento Geral 1970, revela os dados seguintes:

a) Nos quadros urbano e suburbano do país foram recenseados 52.904.744 habitantes que representam 55,98% da população brasileira. A população rural representada por 41.603.810 habitantes constitui 44,02% da população. A

percentagem da população urbana nos três Censos anteriores foi: 31,24% (1940); 36,16% (1950); 45,08% (1960). Assim, pela primeira vez, o Recenseamento Geral do Brasil acusa uma população urbana maior do que a rural.

b) Todavia, dado o critério usado pelo IBGE para determinar a população urbana devemos olhar os dados de mais perto. Com efeito, o IBGE inclui na população urbana aquela das vilas, das quais, numerosas não são nada mais que aldeias tipicamente rurais. Além disso, muitos pequenos municípios têm as mesmas características rurais. A população rural é maior, na realidade.

Eis uma tabela bem clara:

• 11 municípios com uma população superior a 500.000 habitantes = 17.882.321 habitantes.

e

Urbanização

DOM JOSÉ CORNELIS, OSB

● 83 municípios têm uma população entre 100.000 e 500.000 habitantes = 14.710.868 habitantes.

● 157 municípios têm uma população entre 50.000 e 100.000 habitantes = 10.443.490 habitantes.

Total da população urbanizada: 43.036.679 habitantes.

Neste cálculo admitimos que o espírito urbano não atingiu satisfatoriamente a população das cidades de menos de 50.000 habitantes, cidades que segundo o padrão internacional são de tamanho pequeno.

c) Interessante notar que os maiores aumentos urbanos relativos se verificam também nos centros afastados como Macapá (87,09%); Rio Branco (77,20%); Porto Velho (74,06%). A região mais urbanizada relativamente com 75% de sua população é o Sudeste. Outras regiões mais urbanizadas relativamente são a região Norte (um pouco mais de 50%) e a região (Centro-Oeste (um pouco menos de 50%).

Como repartem-se os religiosos e religiosas para o serviço da palavra, do culto, dos sacramentos, do serviço das mesmas deste imenso rebanho? Na hipótese que o mesmo critério de distinção entre população urbana e rural fosse aplicado com os religiosos, teríamos a tabela seguinte:

80% dos religiosos e religiosas para 43% do povo urbano.

20% dos religiosos e religiosas para 57% do povo rural.

O problema na sua dimensão qualitativa. Falar em geral do mundo urbano é uma ousadia. Como jogar na mesma panela uma cidade de confusão como São Paulo e um centro equilibrado como Natal? A Cidade "Maravilhosa" toda voltada para o brilhantismo e Brasília metativa e intelectual? Salvador, cheia de lembranças do passado e Curitiba onde só um lance de muro velho relembra os tempos antigos? Como jogar no mesmo saco, o peso de Mato Grosso, o caboclo do Nordeste e o gaúcho das fronteiras do Uruguai?

Não existe só o Mundo Urbano e o Mundo Rural, mas vários tipos desses dois mundos. Ainda mais variados são os tipos, se saímos para o mundo afora. Que semelhança entre um camponês sueco, quase preso dentro da casa durante 6 meses por ano por causa da neve e do frio, que possui uma verdadeira biblioteca e o camponês nigeriano totalmente analfabeto que vive e dorme ao ar livre durante os 365 dias quentes do ano? Que semelhança entre o mecânico americano que vai ao serviço guiando o seu Chevrolet de luxo, trabalha com as máquinas mais sofisticadas e o "mecânico" das oficinas estrelas de nossas cidades?

Apesar de tudo e além das aparências contraditórias, há certos pontos comuns entre todos os habitantes do mundo urbano e entre todos aqueles do mundo rural. No meio urbano certa visão do mundo, niveladora e alienante, que os franceses resumem em três palavras percucientes: **Métro, boulot, dodo**,

quer dizer, o círculo fechado do mundo operário sem janelas abertas para a vida. Daí uma mentalidade materialista e dessacralizada. Nenhuma perspectiva libertadora e escatológica. Em reação jorra a violência e o fenômeno chamado contracultura.

No meio rural, encontra-se, na maioria dos casos, uma filosofia de vida mais serena, ainda sacral e mítica, ao menos religiosa, fatalista, conformista e apegada ao que o povo chama de tradição. É um estilo de comportamentos sociais. Todavia nos países mais adiantados, a margem entre a cidade e o campo se reduz: o camponês americano virou cavalheiro, com as mãos macias de um barnabé, bem vestido, possuidor de um carro de luxo.

Qual será a missão do religioso no Brasil diante deste mundo novo e problemático integrado ou em via de integração? Diante do crescimento irreversível da urbanização vamos deixar as coisas correrem ou tentar medidas improvisadas de emergência? Vamos procurar uma solução *passé-partout* ou cortar o bolo em fatias mais iguais, repartindo melhor as forças apostólicas entre interior e cidade, entre centros urbanos e suburbanos? Vamos continuar com as paróquias geograficamente divididas? Que haja um problema sério não há dúvida. Basta enxergar tal igreja paulista cujo campanário de estilo italiano emerge tão pouco acima do viaduto de alto tráfego, ladeado contra o fundo da igreja. Basta olhar

os arranha-céus que cercam a vizinhança por todos os lados.

UMA MISSÃO RENOVADA

Para facilitar a compreensão, precisa fazer aqui uma dupla advertência. Primeira: a palavra **MIS-SÃO** é entendida não no sentido estreito de “uma tarefa limitada no objeto e determinada no tempo”, nem no sentido de “pregação do Evangelho, mas no sentido de “incumbência geral e permanente”. Segunda: algumas referências aqui em baixo mencionadas, apesar de ultrapassarem o quadro nacional brasileiro, mostram certa mentalidade mais espalhada do que a que aparece à primeira vista.

É preciso também colocar-se numa atitude fundamental. “A graça da renovação não pode crescer nas comunidades, a não ser que cada uma dilate o âmbito da sua caridade até aos confins da terra e tenha igual solicitude pelos que são de longe como pelos que são seus próprios membros” (Decreto **Ad Gentes** Cap. VI, n.º 37).

Será possível uma missão renovada?

É verdade que, até mais ou menos quinze anos atrás, era bastante difícil, às vezes impossível, para a grande maioria dos religiosos entrar numa fase renovadora. Presos quase inconscientemente a um “sistema”, trabalhavam como franco-atiradores e o fizeram com uma bravura quase militar. Foram eles, os religiosos das missões estran-

geiras de Paris, de Milão, de Burgos, os padres brancos do Cardeal Lavigerie, os Combonianos; os Mercedários, os espiritanos, os franciscanos, os capuchinhos e quantos outros, que desbravaram as terras pagãs da África e da Ásia. Quantos mártires no Extremo-Oriente! Quantos jovens religiosos atingidos pela hematúria e a malária e mortos após um ou dois anos, às vezes, menos, no mato africano? Esses homens barbados, maltrapilhos são a glória da Igreja Missionária.

É verdade também que não raramente os religiosos se caracterizaram por certa rigidez. Com todo respeito aos nossos irmãos e sem nenhuma intenção de caricaturar ninguém, podemos apontar os seguintes traços encontrados aqui e ali até um passado bem recente nas congregações masculinas e femininas:

- Preocupação exclusiva para a congregação. Com toda naturalidade falava-se de “nossas obras, nossos santos, nossa teologia, nossos exercícios”.

- Interpretaram mal a Isenção, independência e poder excessivos da Congregação, até o povo falar de um “Papa Negro”, até o superior religioso fiscalizar e censurar o próprio bispo, membro da con-

gregação (2), até a congregação recusar a colaboração de religiosos que não pertenciam à Congregação. Isso nas Prefeituras e Vicariatos Apostólicos confiados pela Santa Sé às Congregações (2).

— Em certas congregações femininas, recusa de trabalhar com religiosos que não sejam do ramo masculino da congregação.

É Verdade enfim, que um sopro novo atingiu quase todas as congregações e que para tomar um novo rumo a maioria dos obstáculos são superados. Graças a Deus, uma missão renovada se torna possível.

A MISSÃO DO RELIGIOSO

Hoje como 19 séculos atrás, a palavra de São Paulo soa claramente: “Deus quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tim 2,4). Para nós, o problema é o seguinte: todos os homens, do campo como das megalópolis têm o direito de receber a palavra de libertação. Como vamos providenciar?

Parece que devemos dissipar um delicado equívoco referente à idéia de Missão, equívoco bastante espalhado no meio clerical de nosso Brasil. Recusa-se como um agravo a idéia que o Brasil possa ser cha-

mado "Terra de Missão", e o clero um clero missionário. Até a hierarquia não aceitou que as prela-zias dependessem da antiga Congregaçãõ para a Propagaçãõ da Fé, deixando-as no isolamento ou numa dependência completa de países estrangeiros (3).

Tentemos desfazer o engano. No ano de 1926, Pio XI, o Papa das missões afirmava: "As missões são divididas entre missões de fora e missões de dentro." Durante a guerra de 1940-45 o famoso livro "França, terra de missão?" foi a origem de uma renovação da Igreja na Europa até os bispos franceses proclamarem no ano 1960: "a França toda é missionária."

A Missão não é tanto a incumbência de "salvar (individualmente) as almas dos pobres pagãos das garras do diabo" nem de "plantar a Igreja", isto é, trazer a Igreja de fora e aculturá-la no meio alheio; como ensinava em Roma e Lovaina o célebre jesuíta P. Charles durante a década de 1930.

A Missão hoje é "fazer despontar a Igreja" em cada país, em cada cultura e "reunir os povos libertados do pecado para louvar juntos a Deus." A idéia foi expressa por São Paulo na carta aos Efésios Cap. 1 v. 10 com as seguintes palavras: "a recapitulação

e a restauração do mundo em Deus." Hoje a teologia da missão acentua numa visão dinâmica o papel do povo de Deus que vai caminhando para o Pai.

Já que esta visão da Missão é comumente aceita, claro que o Brasil é também "Terra de Missão". A missão não se dirige somente para aqueles que não têm fé nem obras, mas também para aqueles que têm fé sem obras ou obras sem fé. Nesta perspectiva o missionário não é, se podemos dizer assim, um técnico da conquista, da doutrinação, da lavagem de cérebro, mas é aquele que vai escutando, atentamente os valores locais e sem tirar os homens do seu ambiente sócio-cultural, levá-los para o Evangelho. É o irmão que vivendo fraternalmente com irmãos ajuda-os para que eles possam reconhecer Jesus como o Senhor, o Salvador, o Libertador, como Aquele que é a única esperança dos homens.

O CONCÍLIO VATICANO II

esclarece a missão do religioso. O decreto "Perfectae Caritatis" não pode ser isolado da Constituição "Lumen Gentium". No capítulo sexto mostra claramente a ligação da consagração religiosa com a con-

sagração batismal: "É certo que, pelo batismo, o cristão morreu para o pecado e ficou consagrado a Deus; mas para conseguir fruto mais abundante da graça batismal, procura, pela profissão dos conselhos evangélicos na Igreja, consagrar-se mais intimamente ao serviço de Deus" (n.º 44). E ainda: "A profissão dos conselhos evangélicos aparece, na verdade, como sinal, que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja a cumprirem com diligência os deveres da vocação cristã" (Ibid.). "Este estado, cuja essência consiste na profissão dos conselhos evangélicos, embora não faça parte da estrutura hierárquica da Igreja, pertence, de modo indiscutível, à sua vida e à sua santidade (Ibid.)."

Em que consiste a "acomodata renovação" (conveniente renovação) de que trata o decreto? Esquemáticamente podemos resumir da seguinte maneira: a vida religiosa fica perfeitamente válida. A diversificação das formas da Vida Religiosa é uma riqueza para a Igreja. A diversificação das "obras" contribui também à sua vitalidade. A adaptação dos elementos da Vida Religiosa é altamente desejável.

De seu lado, o decreto "Christus Dominus" sobre o múnus pastoral dos bispos, trata da inserção dos religiosos na vida apostólica da Igreja. O Capítulo II, Parágrafo 4: "...deve dizer-se que (os religiosos sacerdotes) pertencem verdadeiramente ao clero da diocese, uma vez que têm parte na cura de almas e no exercício das obras de apostolado sob a autoridade dos pastores."

MEDELLIN. O capítulo 12 das conclusões de Medellin trata concretamente da atuação dos religiosos na América Latina. Notamos, quase sem escolher, as idéias seguintes:

"Nesses momentos de revisão, muitos se preocupam que lugar ocupa o religioso na Igreja, e em que consiste sua vocação especial, dentro do povo de Deus (n.º 2). A consagração religiosa é um compromisso a viver com intensidade o aspecto escatológico do cristianismo. Isso significa que o religioso deve incarnar-se no mundo real (4) e hoje com maior audácia que em outros tempos, não pode considerar-se alheio aos problemas sociais, que vivem os homens em torno dele (n.º 3). Seu testemunho não é algo abstrato mas existencial (n.º 4). Nas congregações de vida ativa, a ação apostólica, como atividade missionária, não é um trabalho de desagregação da vida religiosa, mas uma manifestação do desígnio de Deus na história da Salvação (Ibid.). A verdadeira caridade tem com efeito a plasticidade de espírito para adaptar-se à toda espécie de circunstâncias. O religioso deverá ter uma perfeita disponibilidade para seguir o ritmo da Igreja e do mundo atual, dentro dos limites que lhe indica a obediência religiosa. Deve adaptar-se às condições culturais, sociais e econômicas, embora isso suponha a reforma de costumes e constituições ou a supressão de obras que hoje perderam sua eficácia (n.º 8).

DENTRO DE ESTRUTURAS NOVAS

É a partir da teologia da Igreja, teologia enriquecida pelo Sínodo de 1969, que devemos procurar pistas para a missão do religioso no mundo novo.

- Hoje aparece claramente que a Igreja universal não é o sumo das Igrejas locais e que a Igreja local não é a "repetição" da Igreja Universal.

- Os bispos reunidos em assembléia plenária em São Paulo, durante o mês de fevereiro p.p. estudaram o problema da Igreja local ou particular como definiu o teólogo P. Roberto Mascarenhas Roxo. A Igreja particular que se manifeste também através de comunidades de vida, comumente chamadas "comunidades eclesiais de base".

- A Igreja particular, sobretudo a Igreja universal, necessita de novos intermediários entre a base e a cúpula. Os dois intermediários atuais: bispo e sacerdote, não podem atender a todas as necessidades da vida eclesial. A Igreja é a única entidade ampla com mais de 600 milhões de membros que funciona com tão poucos intermediários. Nas indústrias se reconhece a necessidade de um intermediário para cada grupo de 7 ou 8 pessoas e no exército para cada 10 pessoas. A Igreja funciona ainda hoje com um exército dirigido por general, coronéis e cabos mas sem comandantes, capitães e tenentes. Daí surge a necessidade da Igreja ter mi-

nistérios mais diversificados. A Santa Sé parece aberta ao problema e é significativa a transformação meramente nominal do leitorato e acolitado de "ordens menores" em "ministérios".

- Mais ainda: não são raros os bispos latino-americanos, que acham que não é mais uma utopia mas uma probabilidade que vai se aproximando, ao menos para a América Latina, a possibilidade, sob condições definidas e limitadas, da ordenação de homens casados. Claro também que, no mundo urbano como rural a liderança dos leigos vai crescer gradativamente. Devido à falta de sacerdo-

tes, os leigos receberão, oficialmente, as faculdades necessárias para manter a vida e o culto cristão. Eis uma primeira realidade no quadro das novas estruturas. É a partir desta realidade que o religioso deve procurar e exercer a sua missão específica.

● Precisa-se refletir com toda atenção numa segunda realidade já presente aqui e ali: No mundo mais e mais socializado, mais e mais submetido à pressão de governos de tendência autoritarista e preocupados pela formação cívica da juventude, será que os religiosos poderão dirigir durante muito tempo ainda os seus colégios e as suas obras de formação? (5) Para ilustrar a tese, temos o exemplo do Zaire onde o presidente Mobutu, negando qualquer intenção anticlerical, tomou posse da Universidade de Kinshasa dirigida pela Igreja, e dissolveu todas as organizações de jovens, mantidas pelas Igrejas.

E quem sabe se a mesma coisa não vai acontecer com as obras hospitalares e caritativas de maior impacto social? Temos o exemplo do Ceilão que depois de medidas extremas fez marcha ré, em parte.

Aí, uma terceira realidade, hoje quase imperceptível mas que vai crescer no futuro. A realidade desse mundo, a terceira parte da população mundial, sob regime comunista. Um dia ou outro as cortinas de ferro, de bambus ou outras se levantarão de uma maneira ou de outra e se abrirá um imenso campo missionário. Com toda certeza a atuação missionária durante

décadas se acostumaram e aceitaram uma filosofia de vida própria. A oposição ao regime político vigente no meio dos intelectuais, não significa que eles gostariam da filosofia ocidental e de nossa sociedade de consumo. Uma terceira parte da humanidade sofreu um reboço completo e não fará jamais marcha ré. Portanto o Evangelho tem de ser pregado até os confins da terra.

Qual será a missão religiosa? Parece que a Santa Sé já está preocupada com o problema e cautelosamente inicia preparativos longínquos.

Devemos ainda contemplar uma quarta realidade: a mudança do sistema paroquial e do sistema conventual. Não se precisa de futurólogos para prever a modificação, ou desaparecimento de capelas, de paróquias, de dioceses, concebidas para um mundo rural e estável (6).

Quantas ruínas de igrejas e de mosteiros hoje recobertas de hera, lugares hoje desertos mas antigamente intensamente povoados! Onde se encontram ainda mosteiros de homens ou de mulheres com várias centenas de habitantes? O mosteiro de Cluny bateu todos os recordes com mais de 1.000 monges!!! Esses monstros desapareceram sem abalar por isso a vida religiosa. Assim acontecerá, talvez, que desaparecerão os conventos modernos porque, referentes à mentalidade em vigor são considerados "monstros" apesar de seus tamanhos bem reduzidos. Fenômeno que não abalará a vida religiosa mas a colocará em estruturas diferentes.

Na mesma prospectiva entra o fenômeno da integração do religioso e da religiosa na pastoral de conjunto. A abertura para o outro, o ecumenismo interno leva até uma osmose. Até que ponto? Hoje todo o mundo ainda não está praticamente convencido da necessidade dessa integração de tal maneira que, aqui e ali, sobretudo a religiosa que trabalha fora das "obras da congregação" fica quase suspeita de "traição" pelas suas colegas "autênticas".

Eis algumas realidades do mundo novo que já estamos vivendo em parte. — Há outras que merecem estudo. — Chegamos assim à pergunta final: qual será a missão do religioso, da religiosa, neste mundo novo?

QUAL A MISSÃO DO RELIGIOSO?

Não é a primeira vez que no decorrer dos séculos a vida religiosa chega numa encruzilhada e deve fazer opção. Quem imagina hoje as angústias de Bento de Nórcia, esse homem calmo, mestre de si, seguro, que deu à vida monástica uma orientação decisiva e salvífica para a sua sobrevivência no Ocidente? Quem pensa na coragem tranqüila de Vicente de Paulo tirando de traz das grades "sagradas" as religiosas para as obras sociais daquele tempo? Quem pensa em Carlos de Foucauld, esse oficial francês que redescobriu no deserto as fontes de uma vida estritamente contemplativa depois de anos e anos de busca? Onde estão hoje os espirituais, os santos capazes de fa-

zer opção "*suaviter sed fortiter*" com espírito de responsabilidade diante de Deus e dos homens? Onde fica um moderno Tomás de Aquino capaz de reconciliar *Nova et Vetera* numa síntese para o século 21?

De costas contra a parede, o religioso tem de enfrentar o desafio e tomar o boi pelos chifres. O religioso não pode se sentir desvalorizado a seus próprios olhos no mundo de hoje. Se houver, e há na realidade, distorções tais como paternalismo, aristocratismo, medievalismo, e outros "ismos", precisa-se de máxima energia e de lucidez fria para erradicar os erros.

Qual será a missão do religioso no mundo urbanizado mais e mais? Algumas páginas de revista não bastam para dar resposta completa e sobretudo definitiva a um assunto tão móvel. Todavia é possível dar algumas pistas nos vários níveis:

No nível espiritual. O religioso dedicado ou não ao mundo urbano, deverá nessa época de nascimento de uma nova consciência tocante à vida moral, familiar, sexual, onde uma parte do clero possivelmente será casado, dar um testemunho sem rachaduras de um **celibato** maduro, alegre, vivido harmoniosamente. Afirmar o valor da virgindade escatológica é afirmar um valor evangélico fundamental sem nenhuma conotação de fanatismo (7).

Em seguida, o religioso, do mundo urbano ou rural, deverá ser de qualquer forma um **mestre espiri-**

tual, aquele que no mundo materializado, dessacralizado mostra ao povo como rezar a Deus. Mestre espiritual não significa professor, ou catequista ou diretor espiritual distribuindo água de rosa às velhas madames mas um líder carismático que grita no deserto como João Batista, pregando a penitência e o Reino que está chegando.

Mais ainda, o religioso terá missão de mostrar ao mundo anárquico e vanglorioso de liberdade como um religioso moderno, vestido à paisana, vivendo num bairro ou na roça, um homem verdadeiramente livre, como, esse homem vive uma vida de obediência e de submissão, como Jesus obedecendo a seu Pai.

Enfim num mundo mais e mais esmagado pelo Mamom da riqueza e do poder, o religioso mostrará o que é vida de pobreza dentro da opulência.

Em resumo, o religioso terá a missão de reviver os seus votos de modo original.

No nível pastoral. A missão do religioso será uma presença diferenciada. No mundo rural, o religioso terá a missão semelhante à "Rádio Patrulha" no sentido não de vigiar mas de "equipe volante" pronta para ajudar em qualquer lugar onde se necessita de uma "santa missão" (renovada), um retiro, um curso, um empurrão qualquer para a formação das comunidades eclesiais de base. Será necessária uma atenção firme para que a missão do religioso não seja uma missão de tapa-buraco ou de enfeite. Não haverá mais tempo para

enfeitar as festas do podroeiro, uma concelebração de aniversário, ou para proferir a "homilia" de formatura de qualquer colégio de mocinhas.

Como São Paulo animando as comunidades recém-nascidas, o religioso terá uma missão de formação complementar de valor fundamental para a dinâmica das comunidades do interior, sem sacerdote permanente. Missão itinerante, difícil, cansativa que somente homens especialmente preparados poderão assumir com eficácia, verdadeiros heróis desconhecidos.

No mundo urbano, a missão do religioso se realizará dentro de um leque bastante aberto. O religioso será inserido nas entidades públicas e privadas, na indústria, nas obras promocionais diversas onde hoje nunca ou quase, está presente. A semi-profissionalização do religioso será regulamentada pela Igreja hierárquica. Inseridos nos bairros, nos subúrbios, nos arranha-céus do centro, em pequenas "células" (8), equipes de religiosos e religiosas dinamizarão os grupos de leigos espalhados como poeira, até os grupos mais marginalizados (9).

A presença do religioso será indispensável no mundo dos homens-chave, dos técnicos, dos artistas, dos meios de comunicações.

O religioso vai superar a aparente contradição entre verticalismo e horizontalismo; será simplesmente mas totalmente, presente a Deus e presente aos homens, catalizador no meio do povo de Deus. O religioso não será mais como pretendia Montalembert na "**Moines**

d'Occident” o “farol da humanidade”. No mundo da pós-cristandade não será mais palheta brilhante, mas ficará humildemente, oculta-mente, uma força espiritual dinamizadora no mundo dos homens.

PARA TERMINAR. É claro: o que acabamos de escrever não é um organograma preciso e científico. Pode ser contestado como uma prospectiva de sonhador ou de poeta otimista. Indiscutivelmente o caminho do reequilíbrio da vida religiosa como o mundo que se desponha, será longo, perigoso, exigirá prudência, paciência, sabedo-

ria e sobretudo a luz que vem de cima. Uma pergunta: No mundo de hoje que se preocupa tanto de criatividade e de personalismo, vamos continuar ficando de braços cruzados, esperando que tudo seja resolvido, esclarecido através de documentos elaborados nos laboratórios da alta hierarquia, deixando acreditar a idéia tão espalhada no mundo dos jovens que a Vida Religiosa tenda a infantilizar?

Seja como for, para nós, o religioso, hoje, amanhã, como ontem, fica o homem de Deus, vivendo intensamente a sua Fé e manifestando a sua caridade. Como realizar isso, é uma outra história.

1. Coloca-se aqui a missão do religioso frente à urbanização. Um problema, mas não é o único.
2. Obviamente silenciaremos nomes e lugares.
3. Graças a Deus, a Santa Sé como a CNBB se preocuparam do problema a respeito da autonomia das Prelazias.
4. O negrito é nosso.
5. Ler o estudo de Pro Mundi Vita, n.º 42.
6. Um cânone do Concílio de Trento ordena **sub gravi** aos párocos de conhecer pessoalmente cada um de seus paroquianos!
7. Interessante o livro de Pe. Thadée Matura “Celibato e Comunidade.”
8. Com aprovação da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, três equipes de religiosas iniciaram uma experiência nos arranha-céus da cidade.
9. Já existe uma congregação criada para o apostolado da “zona”. As religiosas trabalham como garçones nas lanchonetes.

Oração Litânica

IR. MARIA DE LOURDES MACHADO, RSCM

- Por haver tratado as pessoas como coisas, manipulando-as segundo nosso sistema de valores que não é necessariamente o vosso,
- Por não haver afirmado o valor da liberdade de escolha para realizar o bem da cidade, da nação, da humanidade,
- Por nossa falta de coerência não empregando meios concretos que ajudem o homem na realização de sua vocação,
- Por nossa falta de corresponsabilidade no compromisso de uma ação efetiva,
- Por haver imputado aos outros a culpa das injustiças,
- Por não haver respeitado os pobres, vossos "privilegiados",
- Por haver tolerado as discriminações na sociedade e em nossa comunidade,
- Por nossa falta de energia e de iniciativa para instaurar a fraternidade universal,
- Por não haver reagido frente a solidão dos imigrados,
- Por não ter acolhido os jovens que buscam novas relações fraternas,
- Por não haver sabido discernir as incipientes situações de injustiça,

Perdoai-nos, Senhor

- Dai-nos uma imaginação prospectiva, um dinamismo que triunfe dos estreitos cálculos egoístas,
- Dai-nos a coragem de colocar com maior liberdade nossos bens a serviço dos demais,
- Inspirai-nos os princípios e as normas oportunas para uma transformação positiva da sociedade,
- Dai-nos a forma necessária para entrar em ação e difundir, com um desejo real de serviço e de eficácia, as energias do evangelho,
- Que não nos desanimemos frente a uma tarefa que parece desmesurada,
- Iluminai-nos para que sejamos capazes de discernir qual é a verdadeira dimensão do bem comum,
- Dai-nos a humildade fundamental que livrará nossa ação de toda inflexibilidade e do sectarismo,
- Ajudai-nos a encontrar no presente o que está esquecido mas inscrito nele,
- Que saibamos nos comprometer na dupla tarefa de animação e de inovação a que a Igreja nos convida,
- Que nossa comunidade seja testemunha do poder do Espírito que está presente em cada uma de nossas ações a serviço dos irmãos,
- Que possamos ajudar a desenvolver esta sede de justiça e de paz que existe no coração de cada homem,

Nós vos pedimos, Senhor

O r a ç ã o

Dai-nos, Senhor, o dinamismo da fé cristã para que, animados pelo Espírito de Jesus Cristo, Salvador dos homens, e sustentados pela esperança, nos comprometamos na construção de uma cidade humana, pacífica, justa e fraterna, que seja uma oferenda agradável ao Pai. Amém.

“Descerá sobre vós o Espírito Santo,
e vos dará força,
e sereis minhas testemunhas . . .
. . . até os confins do mundo”.
(*Atos, 1, 8*)

Espírito Santo Força

IRMÃO ALEIXO MARIA AUTRAN, Marista

Diante de nós, longe daqui, aqui mesmo, surge todo um mundo a evangelizar. Mais de dois terços da humanidade ainda não chegaram ao conhecimento de Jesus Cristo. Apenas 18 por cento da população mundial é católica. E desses, quantos se converteram sinceramente a fé no Filho de Deus?

Religiosos, somos daquele milhão e meio de pessoas plenamente consagradas ao cumprimento do mandato missionário do Senhor: “Ide por todo o universo; anunciai a

alegre boa-nova da salvação; fazei de todos os homens discípulos meus” (1).

Sentimo-nos consagrados pelo Pai, em Cristo, para essa missão. Somos responsáveis pelo plano redentor da humanidade. Ai de nós, se não evangelizarmos! Ai de nós, se nossa vida religiosa não fôr, toda ela, um testemunho vivo, sempre novo, cálido e irradiante de que o Cristo vive e que o homem nele está salvo! A fé que não se comunica, desaparece. Se não vivemos para

manifestar o Cristo aos nossos irmãos, muito cedo sua imagem se apagará em nosso horizonte.

A preocupação missionária, a inquietação apostólica, a solicitude pastoral são, pois, têm de ser, o estímulo e o alimento de nossa vocação na Igreja.

Mas, onde buscarmos a força diária, contra ventos e marés, para perseverarmos em estado de missão?

Os Apóstolos só iniciaram sua pregação evangélica, quando se viram transformados pelo Espírito Santo. Suas palavras, então, foram uma demonstração do Espírito e do poder de Deus (2).

Propulsora da Missão

Também o nosso testemunho cristão há de brotar do testemunho vivo desse Espírito, que mora em nossos corações e que se deixa captar numa vida de fé fecunda (3).

O Espírito, uma potência divina a vivificar o mundo

Perlustremos a Sagrada Escritura na busca de um conhecimento mais profundo da ação do Espírito. É lá que ele se revela. Ou melhor, é lá que encontramos a chave para compreendermos sua missão perene no mundo, em nós e na Igreja.

Todo o Antigo Testamento nos fala de uma misteriosa realidade, presente no mundo e portadora de vida. É conhecida pelo nome de RUAH Yahvé: sopro, hálito, espírito do Senhor. Quando Deus a envia, tudo é criado e se renova a face da terra; se Ele, porém, a retira, perecem as coisas, desfazendo-se no pó.

O primeiro relato da criação nela descreve como que pairando sobre as águas, tal como a águia sobre o ninho de seus filhotes (4).

Quantos séculos não serão necessários para que a consciência do Povo de Deus veja nessa RUAH a própria Pessoa do Espírito Santo?

Com efeito, essa força vital, essa energia divina que dá ou renova a vida do homem carnal ou do mundo material, é uma PESSOA, é o próprio DEUS ENVIADO, COMUNICADO ÀS SUAS CRIATURAS.

Uma unção salvadora

Presente no mundo que ele cria e recria, o Espírito é enviado de modo especialíssimo àqueles que, no Povo eleito, vão ser investidos de alguma missão salvadora. Esses homens providenciais receberão o Espírito e, com Ele, qualidades excepcionais, entrando a participar da sabedoria e do poder do Deus-que-salva.

Vemo-los desfilar nas páginas da Bíblia:

É José, interpretando os sonhos do Faraó e sendo reconhecido como “possuído do Espírito” (5).

São os JUIZES suscitados por Yahvé para governarem o povo, livrando-o dos perigos e das guerras. A esses chefes, vem o Espírito, revestindo-os com sua força e movendo-os a ações maravilhosas (6).

Depois, aparecem os REIS. Sabemos como Deus foi “forçado” a estabelecê-los à frente do Povo que os desejava. Esses reis serão ungidos com o Espírito de Yahvé. O primeiro deles, Saul, terá logo o coração mudado e partirá para proezas maravilhosas, porque o Espírito do Senhor “caiu” sobre ele. Anos mais tarde, sua desobediência a esse

Espírito o expulsará de si. Então o Espírito irá repousar no novo eleito, o adolescente Davi. É um pastorzinho, filho de Jessé, em Belém. Seus irmãos, de melhor aparência que ele, não foram designados ao Profeita Samuel como os escolhidos de Yahvé. Vão chamá-lo no campo. Logo que ele se apresenta na casa paterna, Samuel ouve a voz do Senhor: “É este menino; dá-lhe a unção!” E Samuel ungiu Davi na presença de seus irmãos. Desde aquele dia, o Espírito do Senhor se apoderou de Davi e se expressou sempre por seu intermédio (7).

Quando outros reis de Israel se apartaram de Deus, perderam sua missão de salvar o povo. Então o Espírito os abandonou e mudou-se para os PROFETAS. Esses homens da Palavra tornam-se, então, “homens do Espírito”, que deles se apossa de maneira sensível, por vezes dolorosa. O Espírito entra neles, sem os despersonalizar, longe disso. Fala-lhes e ordena-lhes falar ao povo; precipita-se sobre eles e os faz contemplar a glória de Yahvé; arrebatá-os e repousa neles, não de maneira transitória, mas permanentemente (8).

Ezequiel, o profeta-teólogo do Espírito de Yahvé, traz ao povo exilado, longe do Templo, a revelação máxima desse Espírito, no Antigo Testamento. Yahvé vai reunir esse povo de todas as nações por onde anda disperso e lhe dará a graça de participar dos tempos messiânicos, numa nova aliança, cujo princípio interior será o próprio Espírito de Yahvé comunicado à fraqueza do homem carnal. Todo

o povo será transformado; receberá um coração novo, uma vida nova, capacidades novas. Poderá então ser fiel à nova aliança com Yahvé, porque participará da missão daquele em quem repousaria o Espírito de modo multiforme e permanente (9).

“Derramarei sobre vós uma água pura, e sereis purificados. Sim, hei de purificar-vos de vossas imundícies e de vossos ídolos. Dar-vos-ei um coração novo, e colocarei em vós um espírito novo. Tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. Porei em vós o meu Espírito, e farei com que andeis em minhas leis e sigais os meus costumes. Habitareis o país que eu dei a vossos pais. Sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus” (10).

É todo o POVO MESSIÂNICO que será ungido pelo Espírito do Senhor para levar às nações mais distantes e pagãs a mensagem e o conhecimento do verdadeiro Deus (11).

Plenificada em Jesus Cristo e por ele distribuída sem medidas

Mas é JESUS CRISTO, o Messias “no qual permanece o Espírito de Yahvé”. O Espírito não lhe é dado, como aos antigos reis e profetas de Israel. Já é posse sua. É o “seu” Espírito desde o início de sua existência. Esse Espírito ficará, primeiramente, oculto no Homem-Jesus, nos dias da sua corporalidade. Depois, crucificada a sua carne, quando Ele ressuscitar dos mortos, o Espírito se manifestará esplendorosamente em sua humanidade glorificada.

Vamos percorrer rapidamente o IV evangelho. Todo ele é marcado pela presença do Espírito na missão de Jesus Cristo. Já no prólogo, São João nos apresenta Cristo como o “Verbo de Deus feito carne entre nós”. À primeira vista, seríamos tentados a ver nesse Cristo **kenótico**, carnal, humano... alguém privado ainda do Espírito; sobretudo se estamos atentos a antinomia carne/espírito tão cara ao evangelista. Qual nada! O Verbo encarnado é cheio, a transbordar sobre cada um de nós, cheio de graça e de verdade.

Quando Jesus vai ao Batista, nas margens do Jordão, há uma manifestação sensível desse Espírito que o habita. “Vi o Espírito descer do céu e repousar sobre ele... e dou testemunho de que Jesus é o Filho de Deus” (12). João ignorava a verdadeira identidade e a verdadeira missão de Jesus. São-lhe reveladas pelo Espírito. E ele, por sua vez, descobre sua verdadeira função (missão): testemunhar que o Cristo é “Aquele-que-batiza-no-Espírito-Santo” (13). Frase densa de sentido e de consequências.

Mais tarde, vieram os discípulos de João e o consultaram a respeito das atividades do Novo Rabi. A resposta do Batista foi explícita: “Aquele que Deus enviou, fala a linguagem de Deus, porque Ele dá o Espírito sem medida” (14). Missão divina... Palavra de Deus... Efusão do Espírito. Eis a messianidade de Jesus, entrevista profeticamente por Isaías e anunciada por Ezequiel. O grande DOM de Deus a seu povo não é mais uma Lei (TORÁ), mas seu próprio Filho e,

por esse Filho, o seu ESPÍRITO. Jesus nos comunica esse ESPÍRITO sem medidas, sem restrições, sem limites, com imensa largueza, porque o Espírito lhe pertence, é todo dele. É o próprio fundo do seu ser.

Todo o ministério apostólico de Jesus, toda a sua vida de homem enviado pelo Pai, foi comunicação do Espírito. Era essa a sua missão. Todavia, a grande e definitiva efusão do Espírito estava reservada para a "Hora" em que esse mesmo Espírito haveria de glorificar a humanidade de Jesus, ressuscitando-o dentre os mortos (15). Era necessário que Jesus ultrapassasse, pela morte, os limites e óbices da natureza humana à plena invasão do Espírito de Deus, para que pudesse como que transbordá-lo naqueles que o acolhessem pela fé. Foi o que ele declarou solenemente na Festa dos Tabernáculos e que João nos relata no capítulo 7 de seu evangelho:

"No último dia, que é o principal dia da festa, estava Jesus de pé e gritava: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim de seu seio minarão rios de águas vivas. Dizia isto, referindo-se ao Espírito que haviam e receber os que cressem nele, pois o Espírito ainda não fora dado, porque Jesus não tinha sido ainda glorificado" (16).

Não foi sem motivo, portanto, que João descreveu o ato da morte de Cristo como um "emitir o Espírito". Sua morte na carne abriu passagem para o Espírito. A lançada recebida por seu corpo ina-

nimado e da qual manaram água e sangue, outro índice de que Ele é sempre Aquele que nos dá o Espírito.

Graças a esse Espírito, comunicado sem medida e para sempre, a revelação do Cristo, sua presença, sua palavra, sua graça se espalharão por todo o universo e atingirão os corações de todos os homens, de uma maneira ou de outra, dando-lhes, a todos, a possibilidade de serem filhos de Deus. É o céu na terra.

Este céu começa na tarde do Domingo de Páscoa, quando o Senhor em visita aos seus, no cenáculo, lhes transmitirá num sopro de sua Humanidade glorificada a própria respiração viva de Deus (o Espírito do Pai e do Filho) e, com ela, lhes dará a missão de evangelizar todos os povos, até a consumação dos séculos (17).

É nessa DOAÇÃO do ESPÍRITO que consiste toda a MISSÃO de Jesus. Dela Jesus teve sempre viva consciência. Estava certíssimo, e o afirmava de todos os modos, que era um ENVIADO do PAI: o que explicava sua presença entre os homens, sua vida como homem, suas palavras e ações, suas atitudes e problemas, sua vida e sua morte. A tal ponto, considerava e valorizava essa sua missão que a definia em termos de consagração: "Como acusais Aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo?" (18).

Consagração quer dizer atuação de Deus em alguém, segregando-o para enviá-lo em missão aos irmãos. Ora, da mesma forma que todo o ser de Jesus foi sempre o do

Filho de Deus, consagrado pelo Pai (jamais houve nele um estado profano, ante-consecratório), assim também todo o seu ser foi sempre identificado com sua missão aos homens. Rigorosamente falando, Ele não veio trazer-nos um recado ou realizar alguma ação em nosso meio. Ele veio porque Ele mesmo é MISSÃO do PAI. E essa missão, já vimos, é DOAÇÃO DO ESPÍRITO (19). As tarefas que Jesus realiza como homem em nosso meio são reveladoras dessa MISSÃO que é Ele mesmo.

Concluamos: Jesus é o Filho de Deus. Como o Pai, possui o mesmo Espírito de Vida e Santidade. Ao se encarnar no seio de Maria Virgem, o Espírito passa a animar, por dentro, a humanidade do Cristo, que se torna instrumento do Dom de Deus aos homens. Nos dias de sua vida mortal, Jesus não poderá ainda comunicar esse DOM em toda a sua plenitude. Mas, uma vez glorificado pela morte e ressurreição, Ele receberá do Pai o Espírito Santo e o derramará profusamente sobre os seus. Foi o que proclamou eufórico São Pedro no dia de Pentecostes.

A essa luz, compreende-se melhor as palavras de Jesus antes de partir desse mundo:

“Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, ensinar-vos-á toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir e anunciar-vos-á as coisas que virão. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo comunicará. Tudo o que o Pai possui, é meu. Por isso disse: há de rece-

ber do que é meu, e vo-lo comunicará” (20).

Jesus Cristo, Ressuscitado, doador do Espírito

Primeiramente a Maria e nela a toda a Igreja. Que o Espírito de Yahvé repouse pessoalmente no Messias, e que o Cristo Ressuscitado nos envie esse seu Espírito para que sejamos filhos do Pai, participando intimamente de sua comunhão e da missão redentora, essas verdades reveladas se encontram nas diversas teologias dos Autores bíblicos. Isaías, Ezequiel, Pedro, João, Paulo, cada um a seu jeito, percebeu e nos comunicou admiravelmente esse núcleo da Revelação Cristã.

Há, porém, no evangelho de Lucas uma originalidade. Não é apenas o Messias-Rei que vem ungido pelo Espírito de Yahvé. Também sua Mãe recebe esse Espírito, antes mesmo que ela o conceba e justamente para poder concebê-lo.

“O Espírito Santo descera sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso, o que nascer de ti será chamado Santo, Filho de Deus” (21).

Descrevendo, paralelamente, o nascimento da Igreja em Pentecostes, Lucas falará da “vinda do Espírito” sobre a comunidade dos discípulos, entre os quais notará, discreta e significativamente, a presença de Maria, Mãe de Jesus. Seria muito interessante estudar o relato de Pentecostes em confronto com o da Anunciação. Os pontos de contato são esclarecedores.

O Vaticano II sublinhou, ao menos duas vezes, essa harmonia entre o acontecimento da encarnação do Verbo e o acontecimento do nascimento da Igreja.

Diz a **Lumen Gentium** (n.º 59):

“Tendo sido do agrado de Deus não manifestar solenemente o mistério da salvação humana antes de derramar o Espírito prometido por Cristo, vemos os Apóstolos, antes do dia de Pentecostes, perseverando unanimemente em oração com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele: e também Maria, implorando com suas preces o DOM do ESPÍRITO, o qual já na Anunciação a havia coberto com sua sombra.”

Por sua vez, ensina o decreto **Ad Gentes** (n.º 4):

“Como pela descida do Espírito Santo sobre a Virgem Maria fora concebido o Cristo, e como pela descida do Espírito sobre o Cristo em oração, ele fora impelido à realização do seu ministério, assim em Pentecostes começaram os atos dos apóstolos”.

Baseados nessa doutrina conciliar, bons teólogos da atualidade vêem na Anunciação uma verdadeira “missão temporal” do Espírito Santo, enviado à Virgem Maria para que ela se tornasse capaz de conceber o Verbo do Pai e dá-lo ao mundo feito homem-redentor. Aliás a exegese contemporânea se inclina a interpretar a “sombra” que envolve a Virgem na encarnação, como um sinal manifestativo da presença do Espírito de Yahvé sobre Maria.

A MISSÃO de uma Pessoa Divina outra coisa não é do que sua presença pessoal, imediata, na criatura. Deus se torna presente, dando-se. E Ele se dá sempre para que o homem viva em plenitude.

A ENCARNAÇÃO do Verbo é a missão divina por excelência, princípio e razão de todas as demais missões. Por ela, o Pai, que tanto amou o mundo, envia-lhe seu Filho unigênito, que vem assumir a carne concebida por Maria e a introduz na unidade da sua Pessoa de Filho. E por ela (a encarnação) que Cristo realiza fundamentalmente sua missão de Salvador do mundo.

Pois bem, essa missão estupenda do Filho, verdadeira condescendência divina para conosco, é acompanhada e como que precedida por outra missão: a do Espírito Santo.

O Anjo foi claro. A destinatária imediata dessa missão divina é a Virgem em sua maternidade (em sua “vie d’engendrante”, diz M. Bonamy).

“Quando a Virgem santa deu o seu consentimento, escreve S. João Damasceno, o Espírito Santo veio sobre ela, purificando-a e dando-lhe a capacidade de acolher a divindade do Verbo, ao mesmo tempo, que lhe dava o poder de engendr-lo como homem.”

Maria, mendiga do Absoluto, está plenamente aberta à Palavra de Deus. Ela é toda súplica e acolhimento, na humildade de quem se reconhece essencialmente como escrava do Senhor. Existe uma conaturalidade misteriosa entre sua

pobreza virginal (a virgindade é sempre uma pobreza) e a superabundante graça da maternidade que lhe é oferecida. Mas é preciso que o Espírito de Deus ultime sua preparação, purificando-a, não certamente de algum resquício de pecado (ela era a Imaculada), mas aproximando-a ainda mais do Deus de toda a santidade. É preciso que o Espírito a eleve ao nível d'Aquele que, para se fazer homem, quer ser seu Filho. Naturalmente, a atividade geradora de Maria não poderia terminar senão num filho que fosse exclusivamente pessoa humana como ela. Para que o fruto de suas entranhas seja pessoalmente o próprio Filho de Deus, necessário se torna que o princípio desta maternidade seja o próprio Deus.

A Encarnação seria a realização cabal da Nova Aliança, prometida pelos profetas. Cristo, eis a nova aliança de Deus com os homens. A primeira beneficiada seria, naturalmente, aquela Filha de Sião, cujo SIM integral à proposta e à vinda do Salvador resumiria toda a esperança e toda a fé da humanidade indigente de redenção.

A missão de Maria consistirá em sua maternidade messiânica plenamente assumida na fé e no amor do coração novo, obra do Espírito.

É para isso que o Espírito vem sobre ela e a envolve, qual nova arca da aliança, morada escatológica de Yahvé. Vem sobre ela, quer dizer, dá-se a ela numa medida de amor que ultrapassa todas as nossas percepções. Esse Espírito será o princípio sobrenatural da maternidade divina de Maria. Por Ele, Maria terá acesso à intimidade tri-

nitária, como Mãe humana do Verbo encarnado. Por Ele, Maria entrará na Economia da Salvação como Mãe espiritual dos membros místicos de Cristo e Figura da Igreja.

Numa frase admirável em sua simplicidade e profundidade, Mateus começa o relato do nascimento de Jesus dizendo que "Maria ficou grávida pelo Espírito Santo" (22).

Desse Espírito, ela recebe uma fé exemplar (verdadeiramente maternal com relação à fé da Igreja) para que possa, em total disponibilidade de serva, acolher e fazer a Palavra de Deus, concebendo o Verbo em seu coração, antes mesmo de o conceber em seu seio.

Do Espírito Santo, Maria recebe a fecundidade materna para engendrar como homem o próprio Filho de Deus.

Do Espírito Santo, Maria recebe a consagração de sua virgindade na maternidade, como sinal da nova ordem salvífica que nela se inaugura e onde tudo é pura gratuidade do Amor criador.

Tudo isso, o Espírito deu a Maria, dando-SE a Ela para sempre. A partir da Encarnação, Maria é toda do Espírito Santo: porque Ela é toda de seu Filho e para a sua obra redentora.

Mas, em Maria era a Igreja que começava de modo ideal, plenamente realizado. Ambas se identificam profundamente no mesmo mistério de graça e de maternidade virginal. Uma não se explica sem a outra. Tal foi a intuição penetrante dos Santos Padres que em Maria amavam e veneravam a Igreja, e na Igreja viam o prolongamento espiritual de Maria.

Eis o que dizia São Leão Magno num de seus sermões:

“Cristo deu à água o que deu à sua Mãe: a mesma virtude do Altíssimo, a mesma operação do Espírito santo que permitiram a Maria fazer nascer o Salvador, permitem à água (baptismal) fazer renascer os fiéis”.

Por conseguinte, a energia criadora do Espírito que irrompeu silenciosamente no seio virginal de Maria, na Anunciação, para que ela pudesse assumir e viver sua mis-

são materna, continua agindo, ora de modo oculto, ora de modo patente, na Igreja, criação sua, para que essa leve a cabo sua missão evangelizadora. Princípio da maternidade divina de Maria. Princípio da maternidade mística da Igreja: eis o Espírito plenamente derramado pelo Senhor da Glória. Ele mesmo é a “glória do Cristo em nós”, como afirma São Paulo (23).

E, nessa efusão perene do Espírito sobre a Igreja, Maria coopera maternalmente, na mesma linha do seu Fiat de comunhão, exemplar e fontal. Sua maternidade com relação a Cristo não terminou no Calvário. Foi tão somente transfigurada e perenizada pelo Espírito pascal de seu Filho.

Ontem, hoje e para sempre o Cristo nascerá de Maria Virgem, concebido pelo Espírito Santo.

É do Espírito Santo que temos necessidade

Numa de suas alocuções semanais, dizia Paulo VI:

“A Igreja tem necessidade de seu perene Pentecostes: tem necessidade de fogo no coração, de palavra nos lábios, de profecia no olhar. A Igreja tem necessidade de ser o templo do Espírito Santo, ou seja, de pureza total e de vida interior. Tem necessidade de ouvir continuamente, dentro de si, na nossa muda vacuidade de homens modernos..., a elevar-se das profundezas da sua íntima personalidade, como um pranto, uma poesia, uma oração, um hino, a voz orante do Espírito Santo, que nos substitui e

reza por nós, que interpreta a prece que não saberíamos sozinhos dirigir a Deus. A Igreja tem necessidade de adquirir novamente o anseio, o gosto, a certeza do silêncio, e, com tal disponibilidade, a voz, ou melhor, o colóquio que se faz ouvir na absorção contemplativa do Espírito que ensina a verdade. Tem necessidade de experimentar, em todas as suas faculdades humanas, o refluxo da vaga de amor, daquele amor que se chama caridade e que, precisamente, foi difundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. Toda penetrada de fé, a Igreja tem, portanto, necessidade de sentir um novo estímulo de ação que se manifeste nas obras desta caridade... tem necessidade de experimentar a pressão, o zelo, a urgência desta caridade: o testemunho, o apostolado" (24).

Será que nós, religiosos brasileiros, sentimos mesmo tal necessidade?...

Por vocação, somos os "Homens do Espírito", participantes contemplativos da comunhão trinitária de que o Espírito Santo é o vínculo de amor. E, ao mesmo tempo, somos portadores de seu sopro divino ao mundo que ainda precisa ser atingido pela Boa Nova de Jesus Cristo.

As primícias do Espírito, de que todos os cristãos são beneficiados, tornam-se visíveis, transparentes em nossas vidas? Até que ponto nos deixamos "pegar" por esse Espírito, que é fogo e vento impetuoso? Ele é um Espírito de unidade e de amor. E nós, que buscamos? Ele sonda os mistérios mais profundos

de Deus. Aceitamos suas moções para uma vida de oração mais intensa e mais pura? Somos MARIA para esse Espírito, cuja missão invisível consiste em operar a perene encarnação do Verbo de Deus?...

O Espírito Santo é força propulsora de nossa missão? Certamente! Mas não é só. Ele é o próprio conteúdo dessa missão. O que temos que fazer é o que fez Jesus Cristo: comunicar esse Espírito para que os homens tenham a vida em abundância.

NOTAS

1. Mt 28, 19
2. 1 Cor 2, 4
3. Rom 8, 16
4. Gên 1, 2
5. Gên 41, 8
6. Juízes 3, 10; 6, 34; 11, 29
7. 1 Sam 10, 10; 15, 48
2 Sam 7, 5-17; 23, 1-7
8. Ezequiel 2, 2; 3, 24; 11, 5
9. Isaías 11, 1-3
10. Ezequiel 36, 26
11. Isaías 41, 9; 43, 10; 44, 8
12. Jo 1, 32; 34
13. Jo 1, 33; Ezequiel 36, 25; 2, 32
14. Jo 3, 34-6
15. Jo 16, 14; Rom 8, 11
16. Jo 7, 37-39
17. Jo 20, 21
18. Jo 10, 36
19. Atos 2, 33
20. Jo 16, 13-14
21. Lc 1, 35
22. Mt 1, 18
23. 2 Cor 3, 18
24. Alocução do dia 29-11-72

ADQUIRA EM SUA REGIONAL ANTES QUE ACABEM

COLEÇÃO VIDA RELIGIOSA

**Nº 7 — VIDA RELIGIOSA
E VOCAÇÃO BATISMAL
Pe. Geraldo Pennock, CSSR**

**Nº 8 — A ESPERANÇA CRISTÃ
FORÇA NO SOFRIMENTO
Pe. Adriano Backx, CSSR**

**Nº 9 — VIDA SEGUNDO O ESPÍRITO
NAS COMUNIDADES RELIGIOSAS
DA AMÉRICA LATINA
Documento da CLAR**

Dia 21 de fevereiro de 1973, 20 Superiores Gerais e 12 Vigários Gerais se reuniram na Cúria Generalícia dos Padres Jesuítas, Roma, sob a Presidência do Padre Mário Bianchi, IMC, para estudar o tema "As Vocações Adultas". Quatro grupos linguísticos: inglês, francês, italiano e espanhol, debateram o tema, respondendo essencialmente a estas duas questões: 1.^a) O que pensar dos Seminários Menores, das Escolas Apostólicas. 2.^a) Que pensar das vocações adultas. CONVERGÊNCIA publica uma síntese destas reflexões.

VOCACÕES ADULTAS

GRUPO DE LÍNGUA INGLESA

Cada participante apresentou uma breve descrição das condições do recrutamento de novos membros na própria congregação. De maneira geral, Escolas Apostólicas de âmbito continental ou nunca existiram, ou cessaram há muito, ou tornaram-se escolas abertas. Houve muita hesitação em definir o sentido da expressão "vocações adultas". De um modo global ficou entendido assim: vocações fora do sistema normal das Escolas Apostólicas européias.

Onde ainda existem Escolas Apostólicas, existe igualmente grande dificuldade para encontrar pessoal para dirigi-las. Ressaltou-se o sistema norte-americano de reunir

jovens e moços dos últimos anos de seus cursos para encontros extra-escolares com a esperança de encontrar vocações entre eles. O Superior Geral de uma congregação de irmãos afirmou que ele tem Escolas Apostólicas nos EUA para meninos de 16 anos vindos de outras escolas para as suas.

Outro Superior Geral confirmou que há muito não tem mais Escolas Apostólicas. As escolas européias tornaram-se escolas abertas. A idade de decidir é bem mais tarde do que se pensa. Talvez lá pelos 24 anos. Outro dizia: As Escolas Apostólicas continuam aqui na Itália, especialmente porque ainda não se descobriu outro método

melhor. Mas as Escolas da França, da Espanha e da Holanda foram fechadas. Ainda não se descobriu um outro caminho para recrutar vocações e o fechamento tem sido por uma questão de princípio. Em outros países nosso estilo de vida parece ter maior atração e maior elã.

Depois desta discussão preliminar, o grupo concluiu:

1. Há variadas opiniões a respeito da idade de uma vocação. Idade de 16 e 18 anos, ou depois da universidade, foram apontadas. Houve concordância geral nisto: **vocação adulta** seria a vocação de uma pessoa que, depois de terminados seus estudos, exerceu alguma atividade e só então se decidiu para a vida eclesiástica.

2. Muitos consideraram que haveria clareza de definição com a palavra maturidade. Aqui a discussão se endereçou para o sentido da mudança que em muitos países está sendo codificada para o direito de votar aos 18 anos. Em tais países uma decisão final, como a do casamento, pode ser tomada nesta idade. Em outros, tal decisão só pode ser tomada aos 21 anos. Alguns pensaram ser esta uma das razões pelas quais as religiosas aceitam candidatas mais velhas que os homens, uma vez que a idade para votar e para casar-se é a mesma para ambos os sexos. A maturidade não chega numa determinada idade. Sua presença difere de pessoa para pessoa.

Disse alguém que a maturidade para um religioso seria a habilidade de apreciar a vida de comunida-

de, enquanto outro membro sublinhava que este princípio não se aplicaria para muitas congregações missionárias ou para os Jesuítas. Não se chegou a nenhuma decisão nesta parte da discussão.

3. Todos concordaram, porém, que inexiste uma prova geral e universal de quando uma vocação é adulta ou madura e de quando é válida. Depende muitíssimo de toda espécie de circunstâncias.

4. Sentiu-se a necessidade de repensar o que seria realmente a vida clerical. A discussão se prolongou sobre a semelhança, nos tempos atuais, de muitas congregações clericais e a necessidade de racionalização, em vista do pequeno número que abraça a vida religiosa e clerical na Igreja. Certamente padres e irmãos são muito mal distribuídos pelo mundo afora, não porque não se tem necessidade deles mas por outras razões inadequadas, a mais importante das quais, certamente, a financeira.

5. Houve ainda discussão sobre os métodos a se usar para atrair candidatos. Métodos tipo comercial foram considerados inadequados. De modo geral se concluiu que os melhores meios seriam o exemplo e o testemunho de vida da congregação. Neste ponto houve uma concordância geral: falta, com frequência, entre nós, uma verdadeira vida de comunidade.

6. Todos concordaram que Escolas Apostólicas no sentido europeu foram bem sucedidas no passado. Havia sempre muito numerosos membros e candidatos. A razão talvez fosse a ausência de ou-

tras escolas para educação. Com o desenvolvimento dos países e das cidades, as Escolas Apostólicas foram perdendo sua importância e razão de ser e sendo menos frequentada. Geralmente falando, nos países onde o progresso estava em

estágio inferior, as Escolas Apostólicas foram uma necessidade, nem sempre para as vocações clericais. Em muitos países da América Latina numerosos membros da classe profissional liberal saíram das Escolas Apostólicas.

GRUPO DE LÍNGUA ITALIANA

Primeira pergunta: O que pensar dos Seminários Menores? Das Escolas Apostólicas?

Refletimos longamente sobre a validade, a escolha, os métodos, e as conotações de um Seminário Menor. Hoje a **validade** é contestada, mas não se tem ainda outra alternativa válida. Os resultados aí estão, embora possam ser menores que no passado. O Seminário Menor é válido para a Itália, para o Paraguai, Argentina, Sul do Brasil, Califórnia. Nenhum resultado apresenta no Chile, na Suíça, e em outros países.

Entre nós não existem as dificuldades econômicas e políticas como há na Polônia. Não há estas dificuldades, mas existem outras. Onde os Seminários Menores foram fechados, não há noviços, nem cléricos, nem vocações adultas. Por isso estes seminários estão sendo conservados.

Com relação à **escolha** e aos **métodos**. Cada paróquia deveria ser um "vocacionário." Haja rigidez na escolha e responsabilização dos candidatos. Bastante diferentes são os pareceres sobre as Escolas. É cer-

to que, com nossos professores, se obtêm melhores resultados. Se há seções separadas, há o grave perigo de professores não bem dispostos com relação a estes aspirantes. Admitir gente externa em nossas escolas é sempre um perigo. O melhor seria mandar os candidatos às escolas externas. Com isto, eles sentirão até a alegria de voltar a nós, logo depois das aulas. É necessário então que frequentem escolas sérias, não as escolas públicas comuns.

Com relação às **conotações**. Mais do que Seminários deveriam ser chamados centros vocacionais. Mas não se deve tirar aquelas conotações próprias do seminário. Grande importância se dê à formação humana (lealdade) e cristã. Mas não parar aí. Relevar e muito os valores espirituais.

Todos sabemos que estamos em período de crise. Vale a pena? perguntam alguns. Sim, ainda que tenhamos de nos abrir a novos métodos, porque também os homens mudaram.

Segunda pergunta: O que pensar das vocações adultas?

O que se entende por adulto? Depois do curso científico? Depois da universidade? Trabalhadores que não puderam estudar? Cada uma destas categorias mereceria uma palavra especial. Os resultados são escassos. O otimismo, se comparado ao passado, diminui. Talvez porque muitos institutos se voltam agora para as vocações adultas, estas se apresentem em número tão exíguo.

Modo. Não existe um recrutamento normal. É preciso estar atento para que o jovem que chega

não seja um falido. Teve sempre intenção de ser religioso? Teve esta intenção agora depois de adulto? É preciso sempre cautela.

Usar as nossas casas vazias para breves retiros e para encontros com os jovens indicados pelos nossos próprios religiosos. As atividades sociais (atividades em benefício do Terceiro Mundo) não favorecem as vocações. As atividades espirituais sim. Quanto às defecções, não faltam também com relação aos que entraram depois de grandes, depois de adultos.

GRUPO DE LÍNGUA ESPANHOLA

A. Seminários Menores ou Escolas Apostólicas

Debaixo destas denominações e para o objetivo de nossa análise, compreendemos os centros de formação que recebem meninos que revelam condições e desejos de estudar e, um dia, abraçar a vida religiosa. Excluimos os centros de educação em que se admitem indiscriminadamente toda sorte de meninos, mesmo se sabendo da possibilidade de que alguns se decidam por uma experiência na vida religiosa.

Desde o primeiro momento se estabeleceu uma idade mínima de 15 anos para os candidatos a estes centros que chamamos de Escolas Apostólicas ou de qualquer outra denominação equivalente. Julgamos que, nas várias formas que adotam tais centros, podem dar uma solução para a Pastoral Vocacional, sempre que:

- Criem um ambiente adequado para uma melhor compreensão inicial daquilo que a vida religiosa exigirá de quem opta por ela.

- Permitam-se para os meninos que são admitidos nestes centros, os contatos normais com outros jovens de sua idade e de seus estudos, inclusive com meninas na medida em que uma prudente direção os ajude a entender a pertinência para quem se diz querer estudar as possibilidades de vida religiosa.

- Sobretudo que os contatos com a família sejam frequentes e se evite a separação total ou excessiva com a mesma.

- A liberdade de opção seja assegurada por uma cuidadosa supressão de toda pressão psicológica, sociológica ou ambiental que possa comprometer tal liberdade. Os diretores e animadores de tais centros devem partir da convicção

de que a percentagem destes meninos que tentam chegar ao pré-noviciado e ao noviciado não será elevada.

● Dê-se, nestes centros, a possibilidade de uma abundante e verdadeira informação do mundo e de seus problemas, de modo que nunca sejam organizados de costas para a vida e para a história atual, pois se trata de jovens que, em qualquer caso, terão de representar seu papel nesta história e nesta vida.

Entendemos que a solução das Escolas Apostólicas não é viável em muitos países. Mas entendemos também que é particularmente necessária nas regiões onde o ambiente é hostil e francamente perigoso para que o jovem possa desenvolver uma formação garantida, como: em terras de missões (com ambiente pagão e promiscuidade frequente de famílias) e em meios hostis e alérgicos à religião.

Condição particularmente requerida é que se organizem de tal sorte estes centros e os estudos que neles se fazem que o menino possa seguir normalmente sua formação em outro ambiente e para outros fins no momento em que livremente renunciar a continuar sua vida neles. Lembrou o grupo, por fim, a importância primordial da equipe formadora.

B. Vocações adultas

Começou o grupo determinando o sentido que dá aqui ao termo adulto. Não são aqueles que no

curso de seus estudos, incluindo os universitários iniciais, sentem a vocação e vêm se preparar para a vida religiosa. Mas são aqueles que, enfrentando com uma opção definitiva para a vida, planejam a possibilidade de serem religiosos, a partir dos 24 ou 25 anos.

Deve-se notar a respeito:

1. Estas vocações tardias parecem aumentar hoje em dia.

2. Frequentemente levantam o problema da sinceridade e da pureza da motivação para optar pela vida religiosa. Há possibilidade e frequência de atitudes de busca de segurança, de compreensão afetiva etc.

3. É muito cedo ainda para se falar do índice de perseverança que oferecem nas atuais circunstâncias. Pelos exemplos vistos nestes últimos anos, conclui-se que os dados de perseverança são muito pobres.

Pelo que acabamos de apontar parece que:

a. É necessário atuar um cuidadoso discernimento dos motivos que levaram à opção destes adultos.

b. Sua dificuldade de adaptação, completamente natural, não deve impedir um levantamento sincero do que a vida religiosa exige de todos.

c. Não parece que esta solução do cultivo de vocações adultas possa ser a solução exclusiva ou principal do problema das vocações.

d. Pela mesma razão do perigo do recurso tardio à vida religiosa como refúgio mais do que como entrega, deve-se exigir dos adultos

que batem às portas do noviciado, oportunas qualificações e títulos.

Conclusões finais:

1. Ambos os caminhos de acesso à vida religiosa (Escolas Apostólicas, lugares ou comunidades para formar vocações adultas em meio adequado) parecem complementares.

2. Em todo caso, aquilo que se deve ter em mente, antes de tudo, é a motivação e a liberdade completa de opção por parte de todos aqueles que, em qualquer ida-

de, queira preparar-se para a vida religiosa.

3. Esta opção se manifestará e se amadurecerá sempre gradualmente:

- É preparada cuidadosamente na Escola Apostólica.
- É amadurecida e definida no noviciado.
- É aperfeiçoada e feita definitivamente no período de promessa ou dos votos temporários, anterior à profissão perpétua.

GRUPO DE LÍNGUA FRANCESA

Três questões ou séries de questões foram abordadas:

1. **Qual é a situação dos Juvenatos e das Escolas Apostólicas nas Congregações? Até que ponto devem ser mantidos? Qual a situação das vocações adultas?**

Muitas situações concretas foram lembradas, em diversos países, situações de permanência, de supressão, de transformação das Escolas Apostólicas e dos Juvenatos. Sobre tudo em certos países, suprimiu-se tudo ou quase tudo, o que podia existir, seja por necessidade (não era mais viável) seja por razões mais ideológicas (Juvenatos e Escolas Apostólicas não favorecem o amadurecimento).

É preciso constatar:

- Que as vocações são pouco numerosas.

- Que entre os religiosos que **partem** aqueles que entraram vindos dos cursos científicos e universidades etc. são, provavelmente e proporcionalmente, mais numerosos do que aqueles que passaram pelos Juvenatos.

- Que as congregações (e as províncias) que resistiram à corrente e conservaram ou transformaram seus Juvenatos e Escolas Apostólicas, têm um recrutamento melhor do que as demais.

2. **Os religiosos saídos dos Juvenatos carecem, com frequência, de amadurecimento afetivo e apostólico?**

Poucas respostas diretas foram dadas a esta questão, por falta de tempo. Um participante fez notar que alguns daqueles que **partem** fazem esta crítica dizendo ter sido

engajado numa engrenagem, sem ter a possibilidade psicológica de fazer uma escolha verdadeiramente livre. Mas que conclusão se pode tirar disto? Há todos aqueles que ficaram. Há também aqueles que, sendo considerados "mûrs" na entrada, partiram, afinal.

3. Não há muitos padres e religiosos?

Esta questão, à primeira vista paradoxal, surgiu a partir desta reflexão trazida por um participante, um bispo canadense: "Não tenho mais necessidade de mais padres em minha diocese."

Um dos participantes, tomando as coisas de outro ponto-de-vista, um pouco diferente, perguntava: se se reflete sobre as exigências da vida religiosa, do ponto-de-vista da maturidade humana e do equilíbrio afetivo, pode-se dizer que todos aqueles que entraram para ela, no decorrer dos últimos decênios, especialmente nestas regiões tradicionalmente cristãs (Canadá francês, Espanha, Oeste da França) teriam verdadeira vocação? Não se deve considerar como coisa normal que as vocações sejam hoje nitidamente menos numerosas?

Um outro Superior Geral, fazendo alusão a dioceses inteiras, por exemplo da América Latina, que não têm nenhum padre autóctone, colocava a seguinte questão: Será por que pura e simplesmente falta fé, ou inadequação das formas atuais do exercício do ministério sacerdotal? A discussão teve, infelizmente, de parar por falta de tempo.

CONCLUINDO

Perguntou-se em alguns grupos lingüísticos o que se entenderia por vocação adulta? No contexto de uma discussão sobre Seminários Menores, vocação adulta, deve ser entendida como a vocação do rapaz que se apresenta ao noviciado depois de haver terminado seus estudos secundários ou universitários, isto é, a vocação daquele que chegou ao noviciado seguindo um desejo pessoal, sem passar pelo Seminário Menor.

Para precisar a reflexão começada pelo grupo de língua inglesa, é necessário sublinhar: Nos países onde aumenta o número de escolas e colégios que oferecem uma boa educação, os Seminários Menores são menos necessários que em outras regiões. Sem dúvida é um dos elementos que levaram à supressão dos mesmos.

Um participante pergunta se o problema está bem colocado porque entre Seminário Menor e vocação adulta, não há um meio termo? Não se deve procurar um meio para favorecer a vocação dos jovens anteriormente ao Seminário Menor? Outro participante insiste na importância do ambiente familiar como fonte de vocação. Tem-se dado à família a importância que merece? Consagram-se a ela o tempo e a atenção que seriam necessários? Se a primeira educação em família não foi equilibrada, o Seminário Menor jamais cobrirá esta lacuna.

Nos dias 1 a 4 de fevereiro de 1973, reuniu-se em Dallas, Texas, EUA, a CICOP para estudar o tema "Como os cristãos buscam a Justiça na América Latina". Um dos expositores foi Dom Samuel Ruiz Garcia, Bispo de Chiapas, México, e Presidente do Departamento de Missões do CELAM. Fez um levantamento das atitudes sociológicas, antropológicas e teológicas dos cristãos e de seus líderes que **CONVERGÊNCIA** publica, em parte, para reflexão de seus leitores. São reflexões sobre a Teologia na América Latina.

A TEOLOGIA DA AMÉRICA LATINA

Subsiste na América Latina a teologia conceitual, dedutiva, abstrata e universal que nos legou a Europa com sua colonização e que foi mantida em vigor nos nossos seminários, graças à imitação neocolonial das universidades européias. É a teologia que esquadrinha as Escrituras, os Padres da Igreja, o Magistério, para provar um catálogo de teses preestabelecido e que se ocupa da vida real e circunstancial dos homens. A maioria dos bispos e sacerdotes ordenados antes do Vaticano II estudaram esta espécie de teologia que usa a filosofia escolástica como ciência básica auxiliar para buscar o entendimento da fé. É coisa sabida que na Europa, antes mesmo do Concílio Vaticano II, se começou a buscar uma nova teologia com base numa reflexão filosófica moderna sobre o homem e sua experiência existencial. Na América Latina, entretanto, a pesquisa se encaminhou para uma Teologia Concreta ou do Acontecimento que busca a iluminação e entendimento da fé para a problemática real e atual do homem

latino-americano e para uma interpretação da Palavra de Deus a partir da nossa realidade vivida e histórica.

Esta Teologia Concreta superou, sem abandoná-las, as funções clássicas da Teologia Tradicional — ser uma sabedoria (teologia espiritual) e um saber racional — e chegou a perfilhar-se como reflexão crítica da fé dos cristãos; como uma práxis histórica libertadora. Hoje se atribui, a todas estas últimas palavras, um sentido forte e denso. A fé não é afirmação de verdades mas a resposta total do homem a Deus que salva por amor. Esta fé inclui necessariamente as obras como um aperfeiçoamento e uma garantia. A práxis não é uma ação qualquer, mas a ação estratégica e taticamente eficaz na luta libertadora.

A libertação é entendida, no contexto da dependência estrutural da América Latina: a) Como libertação política e econômica do sistema sociopolítico estabelecido (entendido como "injustiça estrutural", como "violência institucional"). b) Como

processo permanente e ascendente para novas formas de "ser mais", atualizando as capacidades e as potencialidades humanas. c) Como libertação do pecado, raiz de todo mal, viabilizando uma vida de comunhão de todos os homens com o Senhor. Trata-se, portanto, de uma libertação não apenas espiritual, nem só política, mas de uma verdadeira libertação integral.

Pelo que se afirmou até aqui, esta Teologia Concreta é na América Latina a Teologia da Libertação que se constrói apelando sobretudo para o auxílio das ciências sociais sem desprezar o auxílio clássico de outras ciências. Busca-se, porém, primordialmente uma análise crítica da realidade sobre a qual trabalha a reflexão teológica.

Os temas teológicos mais em foco nas exposições sobre a Teologia da Libertação são estes:

- A salvação de Cristo não é somente "para o além", mas é um processo que se inscreve na história da salvação, presente na história humana e abrangendo a luta por uma sociedade mais justa.

- A criação é vista em seu sentido cristológico (Col 1, 15-20) de início de salvação-libertação. A co-criação, portanto, que o homem exerce com seu trabalho e com sua atividade política é vista como verdadeiro processo salvífico abrangendo todo o homem e toda a história humana. "Plasmar a sociedade humana, a conclusão é lógica, já é salvá-la".

- O tema do Êxodo do Egito aparece intimamente ligado à liber-

tação atual da América Latina. O Êxodo é o princípio estruturante da consciência do Povo de Israel, isto é, é o princípio de organização ou de interpretação dos fatos de sua experiência histórica. É lógico, então, tomá-lo ainda hoje como "paradigma para a interpretação de todo o espaço e de todo o tempo".

- Outro tema que aflora necessariamente é o tema do pecado ou da violência institucionalizada e o tema da conflitividade, pois sem se negar a dimensão pessoal do pecado, na América Latina se entende, ao pé da letra, a "violência ou injustiça institucionalizada" como "situação de pecado". Esta situação injusta é promotora de tensões e nos revela que na América Latina as relações Igreja-Mundo são relações que se verificam "num campo de conflito cada vez mais generalizado".

- Finalmente, um tema que, dia a dia, toma mais corpo e mais consistência é o tema da esperança cristã como tensão para a escatologia e como compromisso político atual na libertação social. A Teologia da libertação busca "plenificar e radicalizar o compromisso da caridade", impulsionado pela esperança cristã, da qual só se pode ter um entendimento adequado num compromisso radical com o processo de libertação econômica, política, cultural e transcendente do homem nesta terra.

Vê-se, portanto, que esta Teologia da Libertação não é uma teologia de revolução, cristalizada em abstrato, mas uma reflexão sobre um processo concreto e circunstan-

ciado que pode absorver as variantes atuais da realidade descrita. É certamente uma teologia política porque é uma teologia que se compromete com a transformação da realidade aceitando ser uma teologia prática e não apenas interpretativa.

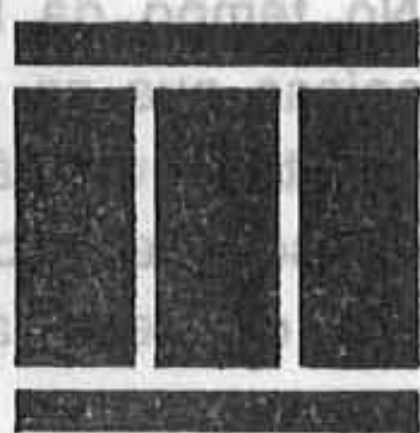
É também uma **Teologia da Esperança**. Da esperança histórica de um povo em marcha que busca desinstalar-se das realizações adquiridas e caminhar para a realização de projetos que seriam utopias sem a força e a clarividência que proporciona a segurança de um final ditoso e certo no Senhor. É ainda uma **Teologia da Cruz** porque se trata de libertar a morte de Cristo de suas mistificações alienantes ("teoria ideologizada da satisfação substitutiva, reconciliação apaziguadora de conflitos"), devolvendo à cruz sua dimensão histórica e política, que dá sentido à práxis radical de morrer pelos outros e que deve estar na essência de uma libertação verdadeira do homem e de sua plenitude histórica.

Está também em processo de elaboração uma **Teologia Missionária** do nosso mundo indígena. Esta teologia insiste hoje no realismo da Encarnação e de seu crescente processo. Não há missão sem encarnação. A encarnação da atividade missionária deve ter a mesma profundidade de encarnação do Verbo: encarnação sócio-cultural, como a de Cristo (Lc 4, 22-25); encarnação da mensagem dentro dos valores e das categorias da cultura (AG 22 b); encarnação da comunidade eclesial nas formas destas culturas (GS 58 c).

Esta teologia missionária sustenta que a salvação tem a mesma dimensão da encarnação para o homem inteiro (GS 3), em todos os seus aspectos: social, econômico, político, cultural. Por isso mesmo, é um processo de libertação integral, centrado no mistério pascal do Senhor que pode realizar-se de muitas maneiras (AG 7 c) e está aberto a "todos os homens de boa-vontade" (GS 22 e). Este processo libertador é comunitário seja em objeto seja em seus sujeitos.

A catolicidade da Igreja não implica identificação com a cultura ocidental. A atividade missionária deve superar a tensão entre unidade e pluralismo, catolicidade e autotonia para fazer com que as novas Igrejas locais indígenas nasçam e se desenvolvam com sua própria figura e maneira de ser (OE 2 b; HS 58 d; AG 6 c, 11 b).

A reflexão teológica missionária representa na América Latina um esforço de "volta às fontes". Por esta razão se desenvolve numa linha de teologia predominantemente histórica (DV 24; OT 16 a; DV 8 b), aberta às realidades do homem de hoje e aos "sinais dos tempos" (GS 62, 4 A, 11 a), ecumênica (UR 5, 11, 9 10) e em atitude de diálogo com as culturas nas quais trata de descobrir a presença do Verbo através das ciências do homem (GS 44) e em atitude de encarnar profundamente nelas seus próprios agentes. Por isso não é falso que a teologia missionária assuma melhor a realidade captada hoje no índio e nas etnias e que descubra melhor neles os anéis de libertação.



ESTANTE DE LIVROS

MYSTERIUM SALUTIS, 11/4. Angelologia e Teologia da História Pré-Cristã. Editora Vozes Ltda. Ano 1973. Páginas 176.

Um olhar para as praxes da Igreja faz parecer infundada a objeção sobre a possibilidade e o sentido de uma doutrina sobre os anjos e os demônios. A Igreja fala sem preocupações maiores nos textos de oração dos anjos. Celebra festas próprias de anjos. Na função eucarística associa o seu louvor à aclamação adoradora da milícia celeste. Prega em seu culto a Sagrada Escritura, a qual fala fartas vezes dos mensageiros de Deus. Parece, pois, que sua posição está segura.

Tal afirmação enseja mero engano. Manifesta-se cada vez mais na vida dos fiéis adultos do nosso tempo que o conhecimento da existência e do poder dos anjos tende a decrescer. Apoderou-se da consciência do homem moderno certa sobriedade e reserva. Influem nisso os progressos da pesquisa científica da história natural que destruíram a concepção arcaica do mundo que atribuía a cada fonte a sua ninfa, a cada vento e tempestade o seu espírito e se imaginava serem os astros e as esferas dos astros movidos por seres supramundanos. Domina mais e mais a racionalização do pensamento e o esvaziamento da imagem do anjo na fantasia dos artistas.

As causas da crise moderna da fé, intimamente conexas entre si, apresentam um quadro complexo, cujo desenvolvimento remonta a séculos. Como efeito adicional cite-se o esforço ingente da humanidade dos tempos atuais de avançar até aos confins da matéria, até ao último mistério do universo. Desta forma não sobra espaço, tempo nem

força para a experiência do mundo divino e do mundo intermediário dos anjos. Se bem que o cristão esteja consciência de que realidades, pertencentes ao campo da fé, não se possam demonstrar por experiências, subtraídas que estão da intervenção das ciências profanas, acontece contudo ver-se a fé dele em Deus e nos anjos atacada por isso mesmo.

O ataque a esta fé seria mais fácil de enfrentar, caso não carecesse ao mesmo tempo de encontros vivenciais concretos com os anjos. Sempre se acentua ante o homem de hoje a falta da experiência existencial com o mundo dos anjos. A existência e atividade de Satanás consegue-se hoje sentir mais facilmente ou ao menos suspeitar, hoje que a maldade, o brutal, o desumano alcançou legitimação oficial como nunca antes. Hoje que a psicologia profunda ensina não podermos descartar realidades ou torná-las inócuas, só por as declararmos existentes por motivos racionais. A experiência com os anjos bons está a nos faltar largamente.

A questão da experiência existencial não se deve excluir do campo das considerações teológicas, pois a palavra e a ação reveladoras de Deus atinge ao homem em sua existência completa. Justamente as aparições dos anjos no Antigo Testamento e dos inícios do Novo Testamento patenteiam que Deus, manifestando-se, além do encargo especial dos seus mensageiros, quis confirmar por tal missão uma realidade a qual para o homem da era bíblica fazia parte comumente do mundo da experiência. Justifica-se, pois, a questão suscitada, enquanto nada se opõe de per si a um encontro concreto com anjos.

Anjos **podem** ser realidade no campo de experiência do homem. Mas **devem** por isso os anjos em **cada** período da história da salvação e sobretudo em **cada** vida humana ser objeto de experiência? Aqui esquece o homem evidentemente que cabe à misericórdia livre de Deus iluminar os mistérios da fé por vivências existenciais. Apenas na parusia de Cristo a fé chega a ser intuição. Quando então tivermos um conspecto retrospectivo da história da Igreja e do mundo "notaremos nos passos, menos esperados, que e como os anjos entraram no plano, que falaram e agiram efetivamente." No tempo da Igreja é "a fé certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se vêem." Só lá onde se esquece isso, torna-se Deus, tornam-se os seus anjos, um problema.

Só a fé nos dá a certeza última sobre os anjos. A fé por nós professada, não fica confirmada pela ciência natural nem necessariamente por experiência existencial. Baseia-se ela antes de tudo no testemunho da Sagrada Escritura. Está incluída no testemunho bíblico da existência de Jesus Cristo como pressuposto negativo impossível de se negar, a existência de uma potência sobre-humana das trevas, superada pela morte de Cristo na Cruz. Do mesmo modo está assente que Deus envia os seus anjos para preparar a salvação em Cristo e consumá-la na Igreja.

A solução radical da desmitologização, visando eliminar os anjos da Sagrada Escritura não se pode defender da parte dos católicos. Há sem dúvida, certas representações sobre os anjos no Antigo e Novo Testamentos, contingentes, fruto da época, sendo por isso, hoje, inaceitáveis. Negar-se-ia, porém, a autoridade de Jesus, quando se negasse a existência dos anjos. Esta distinção entre a representação dos anjos passível de mudança e o conteúdo da revelação, intencionado em si, dos assertos bíblicos, tem de se admitir com a exegese moderna e aqui é que surgem as questões específicas da hodierna angelologia e demonologia.

Deve-se perguntar primeiro que relação tem a palavra divina da revelação com representações extrabíblicas de anjos e de demônios. Seria simplesmente falso "afirmar que a existência de pessoas finitas extra-humanas seja imediatamente em si apenas objeto de revelação da palavra divina e só tal possa ser. "Como demonstra a história das religiões, conhecem na era bíblica todas as religiões e filosofia da região do Oriente Médio e do Oriente seres intermediários de qualquer espécie entre deuses e homens.

A existência de tais concepções de anjos fora da religião revelada leva a aceitar a assim chamada "revelação primitiva". Esta idéia parece hoje estar

sendo posta em dúvida. Suposta uma revelação primitiva, ainda teríamos a perguntar porque se pôde ela sustentar tanto tempo e manifestar dentro e fora da história específica da revelação essencialmente a mesma evolução. Parece mais viável admitir que a humanidade sabe da existência de forças espirituais maléficas ou benéficas como fruto do próprio raciocínio e da interpretação do mundo. Este conhecimento pôde ser transmitido precisamente porque podia originar-se sempre. Pouco importa que explicação se queira dar. Temos na revelação uma importância essencial.

A revelação divina não implica em cada caso um novo acréscimo de verdade salvífica mas em alguns casos apenas a confirmação exigitiva da fé, da verdade do que se tenha adquirido quer por experiência quer por conhecimento. O saber de potências espirituais benéficas ou maléficas pessoais recebe pela revelação contida na Escritura seu sentido especificamente salutar e sua crítica limitante. Esta última função seletiva não se deve desprezar. Purifica-se a doutrina extrabíblica dos anjos e demônios de elementos que não se coadunam com a revelação nem com a unicidade e incontingência do Deus da aliança de Israel e com a soberania absoluta de Cristo como Mediador da Nova Aliança.

Não é sempre fácil acertar com o conteúdo genuíno da revelação. Em relação aos anjos e demônios faz falta um trabalho sistemático sobre a Escritura. Quando os hagiógrafos do Antigo e Novo Testamentos tratam das potências e dominações pessoais sobre-humanas, fazem-no antes acidentalmente, em conexão com verdades mais gerais, mencionando acaso o domínio universal de Deus ou de Cristo, os riscos

e as necessidades do homem. E antes de tudo não lhe interessam à Escritura questões sobre o número e a hierarquia das potências angélicas ou demoníacas.

Os subsídios que o magistério extraordinário da Igreja mediante definições e dogmas tragam para abonar a interpretação dos textos bíblicos, são mui escassos no que se refere a esta questão. As decisões doutrinárias extraordinárias no tocante aos anjos e demônios — textos conciliares há só dois — restringem-se ao essencial, deixando ao trabalho da teologia toda a sistematização. Explicações de textos escriturísticos a desenvolverem e aprofundarem a crença nos anjos podem portanto ser feitas apenas estudando cuidadosamente as passagens atinentes e examinando constantemente se concordam com o todo da revelação.

Uma última dificuldade duma angelologia e demonologia atual surge do facto de que até agora os tratados sistemáticos sobre anjos e demônios não trilharam caminhos muito felizes em geral. Um conspecto sobre a história da teologia demonstra que os antigos Padres da Igreja em suas afirmações ainda seguem a proximidade da Sagrada Escritura, mas que a subsequente evolução da angelologia tratou os textos escriturísticos com assaz ingenuidade, sem considerar os gêneros literários ou a afirmação intencionada pelo autor.

Acresce a aplicação indiscriminada de idéias filosóficas, cuja proveniência e justeza na cosmovisão cristã não foram suficientemente examinadas. Não é lícito tirar dados de dimensão salvífica salutar da antropologia, mas se procedeu na sua transferência para a angelologia com bastante simplismo. Muitas vezes esqueceram também a total subordinação da doutrina dos anjos e demônios à cristologia, tal como a propunha Paulo. A dificuldade oriunda da história da teologia poderá ser superada por um reexame do próprio testemunho bíblico e, por conseguinte, da dimensão salvífica da angelologia.

Apesar das sobreditas questões e problemas, é possível ainda hoje plenamente sensato desenvolver teologicamente uma doutrina dos anjos e demônios, sendo de proveito, como aprofundamento do conhecimento da fé, para a atuação dum ato de fé mais viva.

Os anjos são uma realidade distinta de Deus e do homem, do conteúdo central da palavra de Deus. São essencialmente figuras de moldura. Relacionam-se inseparavelmente com a atividade divina, tanto no espaço como no tempo. Com isso não tem a angelologia um sentido independente, absoluto, à parte da restante revelação salvífica. Os anjos não constituem objeto de uma reflexão independentemente concentrada sobre eles. Estão no limite de uma revelação necessária e salvífica. Um passo além deste limite levaria ao campo do incerto senão do inútil.

Um tratado dogmático da história da salvação, como **MYSTERIUM SALUTIS**, deve conduzir também para este limite. Como a Escritura atesta no complexo geral da história da revelação a interferência dos anjos, devem eles neste

conjunto ser também objeto de meditação. Devem ser considerados como "arautos do único e verdadeiro Deus, o qual como Pai, Filho e Espírito Santo vive, atua e se manifesta."

As afirmações da Sagrada Escritura sobre anjos e demônios não são tão obscuras que não seja possível eruir delas uma exposição teológica sistemática que não empenhe nosso assentimento. À base das regras de hermenêutica válida podem-se respigar realmente muito detalhes. Atenda-se sobretudo para o gênero literário. Urge distinguir passos bíblicos do Novo Testamento que falam dos anjos. São simples comunicação de um fato ou se trata de visões simbólicas do Apocalipse, cujas afirmações reais precisam ser desvenilhadas do invólucro das imagens alegóricas que as recobrem?

Opiniões sobre numerações de grupos de anjos em Paulo, relacionada com a cosmovisão dos antigos, perdem então seu sentido atual. Não se deve ninguém se escandalizar sobretudo relanceando o olhar pelo Antigo Testamento, nem deter-se, por ocorrerem seguido, o que é indiscutível, passagens legendárias ou acentuadamente poéticas, nas quais aparecem os anjos. Abstraindo do gênero literário, poderá muitas vezes o contexto imediato esclarecer a afirmação intencionada pelas palavras da revelação.

Uma doutrina dos anjos e demônios torna-se aliás possível, se estas potências espirituais forem consideradas em conexão com a história universal da salvação, pois como testemunhas respectivamente mensageiros ou adversários se inserem na história da aliança de Deus com a humanidade. Deus mesmo incluiu os seus anjos e os demônios

no fato de sua vinda para este mundo na pessoa de Jesus Cristo. As potências angélicas confrontam-se em obediência espontânea, as diabólicas em rebelião contra o Deus da aliança que se manifesta em Cristo. Prestam serviço exatamente conforme a vontade daquele que como senhor da história intenta fundar em definitivo a sua soberania universal em o Filho feito homem.

Os anjos e demônios enquadram-se na história da salvação sobrenatural única que parte de Cristo e leva para Cristo. A dimensão histórico-salvífica da angelologia deve apresentar-se, portanto, essencialmente como cristológica. A angelologia não é bem como a antropologia consequência intrínseca da cristologia, mas um corolário ou acréscimo integrante, ilustrante, elucidador da exposição teológica sobre a ação de Deus em Jesus Cristo. Da cristologia advém à angelologia a sua razão de ser, a orientação de suas teses e sua justificação geral. Daí se seguem também consequências para a natureza dos anjos como tal.

Se a auto-afirmação de Deus na exteriorização da sua PALAVRA é o princípio da criação, então se deve tomar isso também em conta na doutrina da criação dos anjos. Se Deus se comunica às criaturas-pessoas num gesto de amor apenas mediante seu Filho, então se há de determinar a graça dos anjos como graça de Cristo. Se automanifestação de Deus por causa do Filho é

por essência palavra que chama, que entra em colóquio, então se deve entender a existência dos anjos, por natureza, como visando resposta, diálogo e louvor. Em suma, também os anjos encontram em Cristo a sua suprema realização, já na ordem da natureza, já na ordem da graça.

Esta angelologia e demonologia, se se orienta pela história da salvação, vê-se confirmada pelo testemunho da liturgia. Os textos litúrgicos ressaltam o teocentrismo e cristocentrismo das afirmações escriturísticas sobre os anjos. Conforme as explanações da encíclica **Mediator Dei**, “a sagrada liturgia não determina e delimita simplesmente e por si o credo católico; pode sim, já que ela é também confissão de verdades reveladas subordinada ao supremo magistério eclesial, dar subsídios não desprezíveis de argumentos e testemunhos esclarecedores de pontos particulares da doutrina cristã.”

Desde que a cristandade evangélica reconhece em geral o testemunho da liturgia, pode-se, partindo daí, lançar uma ponte de modo especial para um entendimento ecumênico. Quando é, pois, o caso, sempre se aludirá aos textos litúrgicos.

Postulando-se uma angelologia, orientada pela história da salvação, não é preciso de modo algum excluir as sentenças, propostas principalmente pelos Padres acerca da natureza dos anjos. Se o homem se pôde formar, a base da revelação, uma imagem de Deus, ser em absoluto sobrenatural, espírito de todo soberano, então podemos chegar a um conhecimento ao menos aproximado da natureza dos espíritos criados por ele. Não se percebe por que não se possa distinguir a essência natural

dos anjos de seu estado sobrenatural de graça. Mais que lógico parece hoje que as questões da natureza, do número e da hierarquia dos anjos devam ser abordadas com muita reserva e jamais ocupar um lugar de destaque numa exposição teológico-salvífica. Uma doutrina dos anjos não deveria, por isso, “ultrapassar o que nos dizem uma exegese sadia das Sagradas Letras e da Liturgia e o próprio magistério eclesiástico.”

O testemunho público, a crença da Igreja e a doutrina teológica dos anjos e dos demônios orientam de contínuo o fiel para a crença de que ele está em meio duma história de salvação e de perdição que é mais ampla, que ultrapassa os seus semelhantes. Este pensamento dá à angelologia e demonologia de hoje um cunho cheio de sentido. O Concílio Vaticano II tornou manifesto que a Igreja, em vista de sua missão salvífica, urge se engaje no mundo mais do que outrora. Para que nisso ela não esqueça que o Reino de Deus abarca mais que a mera realidade cognoscível ao homem, revelou-se-lhe o mundo angélico como co-mundo e mundo-ambiente histórico-salvífico.

A vista sobre o reino supraterrano das potências angélicas, sua permanência e participação ativa na história da humanidade conservam o equilíbrio da balança para o acúmulo de preponderância que se atribui facilmente às realidades existenciais terrenas. Brilha

unidade abrangente do cosmos que sobrepuja todos os conhecimentos puramente científicos. Sabe o cristão em especial que também este reino de seres vivos, pessoais, espirituais, compartilham da história da aliança e salvação dos homens.

Esse compartilhar é ameaçador e destruidor, ao se tratar dos demônios. Só Deus pode salvar de tal perigo, da culpa e da morte. O Deus dos exércitos convidou também os anjos que, o servem, para levar ao término contra todo poder de Satã a sua aliança que estabeleceu com os homens. A angelologia tem por fim abrir, ao homem que crê, o próprio mistério de Deus, mistério de que Deus assiste sempre aos que ele chamou. De exemplo são os anjos da Antiga Aliança que de antemão indicam que Deus em pessoa virá para salvar o seu povo. Esclarecendo e ilustrando confirmam eles na Nova Aliança que a vinda de Deus em Jesus Cristo se tornou derradeira realidade.

São por isso os anjos e demônios em sua importância secundária elementos não desprezíveis do evento que é o Cristo, como o atesta a Escritura. A atuação de Deus em Jesus Cristo é, porém, um evento que importa ao homem, em seu aqui e em seu hoje, à sua fé, sua cosmovisão, sua existência diária. O evento Cristo que continua a agir no mundo, na Igreja e pela Igreja, liberta duma escravidão, a qual não explicável somente pela culpa humana, porque se funda na malícia diabólica. Este evento Cristo conduz para a plena liberdade dos filhos de Deus pois, subordinados ao Filho, são os anjos enviados ao serviço daqueles que deverão alcançar a salvação.

A tarefa da angelologia e da demonologia consiste em esclarecer justamente isso. Este é o conteúdo do Tomo IV, do volume II, da Coleção *Mysterium Salutis*.

CHAVES PARA O IMAGINÁRIO, O
Mannoni, tradução do original francês
Clefs Pour L'Imaginaire ou L'Autre
Scène, por Lígia Maria Pondé Vassallo.
Editora Vozes Ltda. - Ano 1973. Páginas
340.

É provável que os progressos da Linguística permitam ao saber positivo dissipar antigas dúvidas e incertezas. Vemos hoje com clareza que a **Idéia** de Platão não era nada mais que o **Significante** de Saussure. Convém lembrar que um mesmo objeto pode ser considerado quente e frio e que estas deno-

minações tomam sentido posteriormente. Mas as próprias denominações, o Quente e o Frio em si — as idéias de Quente e de Frio — não têm outra relação que a de oposição.

O átomo dos antigos, o de Epicuro era sem dúvida uma imitação do alfa-

beto. Mas a Lingüística trouxe aos filósofos, em suma, algo de outra natureza. Um novo ser onde se realiza enfim a impossível união entre a matéria e o espírito. E isto pela única razão de que é o ser com o qual é possível negar o ser. Daí resulta um novo estatuto para o sonho, a fabulação e o delírio.

Eles têm suas portas fortes que o saber positivo cerca e sitia em vão, até mesmo nos hospitais psiquiátricos. Aliás o próprio sucesso deste saber só podia deixar um lugar aberto para alguém como Freud, perfeitamente devotado ao ideal científico e admitindo unicamente a realidade positiva, e entretanto invenivelmente solicitado pelos problemas que a ciência do seu tempo afastava, como, precisamente, os do sonho e da loucura.

Freud foi procurar uma solução no que ele chamou de **Deutung**, dando toda importância possível a um segredo de polichinelo, abandonado, até então, aos místicos a quem isto servia ou aos poetas que se serviam disso, isto é, que alguma coisa pode ser sempre representada por uma outra coisa. Sempre nos preocupamos em defender-nos contra esta possibilidade louca. A teoria da "arbitrariedade do sinal", longe de reconhecer este segredo, aparece mais como o recuo apavorado que provoca. E mesmo esta prudente teoria pode também inquietar.

Não é pois de espantar que existam lugares, no mundo "real" tanto quanto no espírito mais "razoável", onde os sinais não se apresentam somente como arbitrários, no sentido em que são arbitrários já nas ciências mais rigorosas, mas, por assim dizer, como sinais em estado puro, isto é, como enganadores, sem no entanto poderem enganar ninguém. Uma multidão, mesmo amorfa e indiferenciada, reconhece sua verdade, que é também sua ilusão, diante das mentiras do teatro, de seus sonhos, de suas leituras e paixões. Em toda parte, em nós como fora de nós, pode sempre abrir a cena na qual o que é, é sempre o outro.

O homem positivo que tenta reduzir à irrealdade esta outra cena não é o menos perdido. A maior loucura se explica sem dúvida por certa maneira de perder esta outra cena, e o fantástico não é outra coisa senão a dissolução da fantasia. Vemos como o mundo em que vivemos recuperou no fantástico a fantasia que repudiou.

Nas páginas de CHAVES PARA O IMAGINÁRIO não se procurará o desenvolvimento destas generalidades, que elas ilustram muito indiretamente. São estudos separados, dos quais uma parte já apareceu em diversas revistas. Não formam uma sequência, mas como um arquipélago onde nada impõe uma ordem de percurso para ir de uma ilha a outra. Comunicam-se sob o mar. Em vez de mascarar esta dispersão, escolheu-se voluntariamente uma ordem indiferente na disposição destes textos.

O MELHOR QUE SE PODE FAZER PELO BRASIL É CRESCER COM ELE.

O Banco Denasa tem crescido com este país. Ajudando-o a crescer. No momento em que você le este anúncio, pode haver um especialista do Banco Denasa orientando um investimento. Processando financiamentos mais rápidos. Procurando dar maior rendimento às aplicações de pessoas como você. É a nossa maneira de semear progresso e desenvolvimento. Fazendo crescer indivíduos. Empresas. E mesmo uma nação.



BANCO DENASA
de investimento s.a.

dirigido por nomes que você conhece

Presidente do Conselho de Administração
Juscelino Kubitschek

BRASÍLIA - RIO - SÃO PAULO - BELO HORIZONTE